

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

**Identidade Étnica, Modelos Relacionais e Bem-Estar na
Adolescência**

Filipa Maria de Sousa Afonso

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora:
Professora Doutora Carla Moleiro, Professora Auxiliar
Co-orientador:
Doutor Rodrigo Brito
ISCTE-IUL – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro de 2009

Agradecimentos:

À minha orientadora, Professora Doutora Carla Moleiro, pelo seu trabalho enquanto orientadora e por toda a ajuda prestada na minha tese

Ao Doutor Rodrigo Brito, pela sua disponibilidade e ajuda prestada na elaboração e desenvolvimento da minha tese,

A todos os Docentes do ISCTE, em especial aos Docentes da Área da Psicologia Social e das Organizações,

À Câmara Municipal de Sintra, nomeadamente ao Gabinete da Juventude, por possibilitar a aplicação dos questionários,

Aos técnicos dos Espaços Jovem de Fitares, Mercês e Rio de Mouro, pela aplicação dos questionários aos jovens,

Ao António Simões, professor de Português do Ensino Secundário, por rever a linguagem dos questionários aplicados aos jovens,

À minha colega, Elisabete Simões, pelas nossas “discussões” sobre esta temática as quais me levaram a tentar pensar neste tema numa perspectiva diferente,

Ao meu filho e ao meu companheiro pelo tempo e paciência que lhes foram retirados durante a elaboração da tese,

Às minhas colegas e amigas, Ana Silva, pela força dada ao longo do nosso percurso académico e pelas palavras de incentivo e momentos de descompressão; Ana Duarte, por toda ajuda académica e pelas dúvidas tiradas ao longo destes cinco anos,

A todos os meus amigos e familiares que compreenderem as minhas ausências e a minha falta de disponibilidade.

Resumo

Propomos com este trabalho contribuir para a compreensão da influência da identificação étnica e dos modelos relacionais no bem-estar de adolescentes residentes em Portugal. Os dados foram recolhidos através de questionários de auto-preenchimento por setenta adolescentes com idades compreendidas entre os 15 e os 25 anos em contexto recreativo. No questionário, para avaliar as origens étnicas usou-se a escala *Multigroup Ethnic Identity Measures (versão reduzida; MEIM)* e medidas comportamentais (música e constituição do grupo de amigos); para analisar os modelos relacionais nos grupos (com família, amigos e professores) foi usada uma escala de Lickel et al (2006); e para avaliar o bem-estar utilizamos a escala de bem-estar psicológico inserida no *KIDSCREN-27* (instrumento que avalia a qualidade de vida em crianças e adolescentes) traduzido e adaptado para Portugal (Gaspar & Matos, 2008). Em relação ao bem-estar, os resultados indicam um elevado nível de bem-estar psicológico nos adolescentes, independentemente do seu grupo étnico. Verificaram-se diferenças significativas ao nível das preferências musicais, embora se destaque uma preferência pelo género “ritmos africanos” quer pelos grupos étnicos minoritários, quer pelo grupo maioritário. No que concerne aos modelos relacionais, identificaram-se algumas correlações significativas com a identidade étnica, ao contrário do verificado com o bem-estar, onde não se encontraram correlações. São discutidas as principais conclusões do estudo à luz da literatura e reflecte-se sobre as implicações para os grupos quer maioritários quer minoritários da experiência de contextos jovens interculturais.

Palavras-chave: Bem-estar, Identidade Étnica, Modelos Relacionais

PsycINFO Clasification Categories and Codes da Associação Americana de Psicologia:

3000 Social Psychology

3020 Group & Interpersonal Processes

Abstract

This study aims to contribute to the understanding of the influence of ethnic identification and relational models on well-being among adolescents living in Portugal. Data was collected through self-report questionnaires filled by seventy adolescents, aged 15 to 25, in recreational contexts. In the questionnaire, the *Multigroup Ethnic Identity Measures (short version; MEIM)* and behavioral measures (music preferences and composition of group of friends) were used to assess ethnic identity; relational models (with family, friends and teachers) were evaluated by Lickel et al's (2006) scale; and well-being was measured by the scale of psychological well-being of the *KIDSCREN-27* (which assesses quality of life in children and adolescents) translated and adapted to Portuguese (Gaspar & Matos, 2008). Regarding well-being, the results indicate a high level of psychological well-being of the youth, regardless of their ethnic identity. Significant differences were found among groups in their music preferences, although the most preferred were African rhythms by both minority and majority groups. In relational models, some significant correlations were found with ethnic identity, but not with well-being. Main conclusions are discussed in light of the literature and implications are drawn for both minority and majority group members in intercultural youth contexts.

Keywords: well-being, Ethnic Identity, relational models

PsycINFO Clasification Categories and Codes da Associação Americana de Psicologia:

3000 Social Psychology

3020 Group & Interpersonal Processes

Índice Geral

	Página
Resumo.....	i
Abstract.....	ii
1. Introdução.....	1
2. Enquadramento teórico.....	3
2.1. Adolescência e formação da identidade.....	3
2.2. Identidade étnica.....	6
2.3. Teoria da identidade social.....	7
2.4. Modelos de aculturação.....	8
2.5. Multiculturalismo-Interculturalismo.....	9
2.6. Modelos relacionais.....	10
2.7. Bem-estar, identidade étnica e relações entre grupos.....	12
2.8. Objectivos do presente estudo.....	15
3. Método.....	17
3.1. Participantes.....	17
3.2. Instrumentos.....	18
3.3. Procedimento.....	21
4. Resultados.....	23
4.1. Identifica étnica.....	23
4.1.1. Origens.....	23
4.1.2. Multigroup Ethnic Identity Measures.....	25
4.1.3. Dimensão comportamental.....	26
4.2. Modelos relacionais.....	28
4.3. Bem-estar.....	29
4.4. Diferenças entre grupos.....	29
4.5. Relação entre identidade étnica, modelos relacionais e bem-estar.....	32
4.6. Correlações por grupo.....	34
5. Discussão.....	39
6. Referências.....	43
7. Anexos.....	46

Índice de tabelas

Tabela 1.	Descrição demográfica da amostra.....	18
Tabela 2.	Descrição das identidades dos jovens.....	24
Tabela 3.	Característica que melhor descreve.....	25
Tabela 4.	Média e Desvio-Padrão da escala da identidade étnica	25
Tabela 5.	Análise de componentes principais da escala, com rotação varimax, da música ouvida pelos adolescentes.....	27
Tabela 6.	Médias e desvios-padrão dos estilos musicais.....	28
Tabela 6.	Médias e desvios-padrão dos modelos relacionais por grupo.....	28
Tabela 8.	Médias e anova por grupo étnico.....	30
Tabela 9.	Médias e anova por grupo baseado no fénótipo.....	32
Tabela 10.	Correlações escala de identificação étnica e bem-estar.....	33
Tabela 11.	Associação entre identidade étnica e modelos relacionais.....	33
Tabela 12.	Correlações entre modelos relacionais e identidade étnica no grupo dos portugueses brancos.....	35
Tabela 13	Correlações entre modelos relacionais e identidade étnica no grupo dos portugueses negros e mulatos.....	36
Tabela 14	Correlações entre modelos relacionais e identidade étnica no grupo dos Africanos negros e mulatos.....	37
Tabela 15	Correlações entre modelos relacionais e bem-estar nos grupos	38

1 - Introdução

Actualmente existe uma preocupação sobre os temas da interculturalidade nos círculos sociais, políticos e educacionais. A sociedade vive alterações substanciais com a mobilidade de cidadãos, com a abertura das fronteiras e igualmente a ligação de Portugal aos países africanos de língua oficial portuguesa. Simultaneamente, observa-se, nos meios juvenis, uma maior diversidade cultural e étnica em alguns contextos sociais e escolas.

Este trabalho pretendeu contribuir para a compreensão da influência da identificação étnica e práticas culturais no bem-estar dos adolescentes. Paralelamente, ambicionou averiguar se o tipo de relações que mantêm com os pares e família influi na relação entre a sua identidade e o seu bem-estar. Assim, esta tese está dividida em quatro partes. A primeira parte constitui uma revisão da literatura sobre a temática da adolescência (desenvolvimento da identidade na adolescência, identidade étnica), bem como sobre modelos relacionais e bem-estar. A segunda parte consiste na descrição metodológica do estudo que realizámos com o objectivo de explorar as relações entre identificação étnica, modelos relacionais e bem-estar, enquanto na terceira parte são apresentados os resultados desse mesmo estudo. Na última parte é apresentada a respectiva discussão dos resultados obtidos.

A adolescência é reconhecida como um estágio associado a mudanças substanciais no *self*. Erick Erickson (1968) e Peter Blos (1962, 1979, citados por Adams, 1992) conceptualizaram a transformação do *self* durante a adolescência e ambos reconheceram a adolescência como o maior estágio da vida para a formação da identidade. Conceptualizam a identidade como um sistema de regulação interna, que representa, organiza e integra a estrutura psíquica essencial para o desenvolvimento e distinção entre o *self* interno e o mundo social. Estes autores apresentaram distinções entre processos passivos e activos da formação da identidade. Para Erickson, a identidade passiva é reflectida em todos os processos quando o adolescente aceita, sem avaliação, as regras e auto-imagens providenciadas pelos outros, ou seja, é uma identidade difusa e caracterizada por alguma confusão. Blos descreve passividade da identidade na sua descrição de adolescência prolongada, onde é observada uma resistência a fazer escolhas finais. Para ambos estes autores, na identidade passiva nos jovens percebe-se desconfiança e incerteza e o jovem entra em risco de perder um *self* quando se altera o ambiente em que vive. Em contraste, a formação activa da identidade é baseada na

descoberta e processo de auto-selecção, onde os compromissos escolhidos são integrados por uma estrutura psíquica organizada. Adams (1992) coloca a hipótese de esta forma de identidade estar associada à auto-confiança e sentido de mestria. Erickson e Blos (cit in Adams, 1992) vêm a formação e desenvolvimento da identidade dentro do contexto social. Erikson vê o desenvolvimento individual ocorrendo dentro de um contexto social onde as expectativas sociais requerem a selecção de escolhas possíveis, que às vezes necessitam de confirmação e aceitação da comunidade. Blos argumenta que a progressiva diferenciação na identidade do *self* requer um suporte ambiental que providencie suporte emocional.

Deve-se a estes dois teóricos psicanalistas um conhecimento da adolescência e formação da identidade pelas suas descrições dos processos de formação da mesma durante a adolescência. Contudo, foi Marcia (1966, cit in Adams, 1992) que concebeu o paradigma do estado da identidade do ego (*Ego Identity Status Paradigm*), importante para a investigação empírica da formação da identidade e o seu desenvolvimento porque proporcionou uma base de investigação e serviu também de catalisador para a criação de outras perspectivas.

Em suma, a identidade nas suas variadas formas, nomeadamente a identidade étnica é especialmente saliente durante a adolescência. Phinney e Ong (2007) referem que, na sua conceptualização da formação da identidade, estão envolvidos dois processos, a exploração da identidade e o sentimento de pertença ou compromisso (*Commitment*). De acordo com Phinney & Ong (2007), uma grande parte dos estudos realizados sobre esta temática em Psicologia Social centra-se na teoria da identidade social (Tajfel & Turner, 1986) e, por vezes através dos modelos de aculturação de Berry (1980, cit. in Bourhis, 1997), apesar dos termos serem distintos.

A partir dos anos setenta do século XX, em Portugal, os movimentos migratórios acentuaram-se e contribuíram para a alteração da sociedade, das populações e das escolas (Bizarro, 2006). Ao nível educacional, a diversidade que já existia anteriormente foi-se acentuando com as escolas de massas, originando uma crescente presença de alunos de diferentes grupos sócio-económicos e de diferentes realidades regionais, que actualmente aumentou e abrange também alunos de diferentes grupos nacionais e étnicos. De acordo com esta autora, apesar da diversidade já existir anteriormente, só recentemente a questão da coexistência na escola de vários grupos sócio-culturais suscitou reflexão de forma a enfrentar de uma forma mais adequada a heterogeneização da população, nomeadamente a população escolar.

A noção de multiculturalismo é uma ideologia importada dos EUA e foi transformada rapidamente em mitologia social nos círculos políticos, sociais e académicos, pela década de noventa (Bizzarro, 2006). Segundo Bizzarro (2006, p.133), “quando se utilizam essas formas compostas pelo prefixo “multi”, mais do que para a diversidade constituinte de cada cultura (desde logo diferentes fenómenos de importação, tradução e apropriação), está-se normalmente a remeter para a coexistência de culturas distintas, cada uma delas própria de uma comunidade geográfica, nacional e/ou étnica”. Indubitavelmente existem problemas mais ou menos marcados nas sociedades multiculturais, e segundo Bizzarro (2006), muitos deles decorrem das sociedades terem ficado apenas ao nível da coexistência da diversidade cultural. Esta autora defende ainda que, também de um modo redutor, considerou-se que as diferenças (valores, crenças, tradições, etc.) eram um problema exclusivo dos imigrantes e daqueles que mais perto lidavam com eles.

No presente estudo, a nossa abordagem envolve a exploração de dados junto de adolescentes quer do grupo maioritário, quer de diversos grupos minoritários em termos étnicos. Esta abordagem envolve desta forma um entendimento de que a interculturalidade ou a diversidade cultural tem impactos em todos os elementos de uma sociedade ou grupo. Esta perspectiva enquadra-se numa escolha pelo conceito de interculturalidade, em contraste com o de multiculturalidade, à semelhança de outros (incluindo o Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural), que realçam o carácter interpessoal e de enriquecimento no encontro entre pessoas e grupos diferentes.

2. Enquadramento teórico

Para elaborar um enquadramento teórico da temática em estudo, considerou-se necessário apresentar e desenvolver alguns conceitos, nomeadamente: adolescência e formação de identidade; identidade étnica; teoria da identidade social; modelos de aculturação; multiculturalismo-interculturalismo; modelos relacionais; e a relação entre bem-estar, identidade étnica e relações entre grupos.

2.1. Adolescência e formação da identidade

A adolescência é uma das etapas do desenvolvimento humano particularmente importante na medida em que há um desenvolvimento significativo e profundas

alterações na identidade do indivíduo. “ Toda a adolescência se desenrola na reformulação da identidade adquirida na infância e na construção de uma identidade mais marcada pela vontade própria do adolescente” (Matos, 1999, p. XIII in Braconnier & Marcelli, 2000). A adolescência é uma fase única na vida das pessoas, caracterizada por inúmeras transformações e revestida de grande importância no processo de consolidação da identidade pessoal, psicossocial e sexual. Esta fase ou período tem sido estudado por diversas áreas desde a medicina, social, psicológica, educativa, cultural e histórica.

Esta etapa é descrita como um período da vida que se segue à infância e que decorre desde que surgem os primeiros indícios da puberdade até à idade adulta. Assim, a adolescência coincide com o período de maturação dos órgãos da reprodução, (genericamente, período compreendido entre os 10 e os 14 anos nas meninas e dos 12 e os 14 anos nos rapazes) e que envolve muitas alterações físicas que se apresentarão como consequência de um crescimento rápido a partir dos 10 anos (Braconnie & Marcelli, 2000). De acordo com esta definição, Ferreira e Nelas (2006) referem que este período inicia-se com os primeiros indícios físicos de maturidade sexual (puberdade) e termina com a realização social da situação de adulto independente. Neste período terão lugar muitos fenómenos de adaptação. Alguns dos fenómenos adaptativos estão relacionados com alterações físicas, que se tornam por vezes problemáticas, caso surjam de uma forma demasiado rápida ou lenta. Este tipo de desenvolvimento é muito sensível, em especial nos primeiros anos da adolescência e compreende alterações do esqueleto (na largura do ombro e ancas), na voz, nos pêlos do corpo e nos órgãos sexuais.

A par das alterações físicas há o confronto com toda uma nova vida social. Serão estes, provavelmente, os maiores desafios com responsabilidades que podem estar relacionadas com a vocação ou escolha profissional, ou com o desejo de compreender o significado da vida e do mundo, e de tentar atingir o máximo das suas capacidades pessoais, Sampaio (1993) refere que, durante esta etapa de vida, existem duas tarefas de desenvolvimento que se colocam ao indivíduo: por um lado, a construção da sua autonomia em relação aos pais e, por outro, a construção da sua identidade. A primeira tarefa pressupõe que o indivíduo alcance a independência pessoal, social e (em alguns casos) económica em relação aos pais, enquanto a segunda envolve a construção de uma noção sólida e coerente de quem somos e o que queremos.

Braconnie e Marcelli (2000) descrevem o processo psíquico de cada adolescente através de três fases. O primeiro período prende-se com a fase de espera. Este corresponde à entrada na adolescência, por volta dos 10-13 anos, sendo mais precoce que há 15 anos e marcada pela puberdade. O segundo período de mudança é primeiramente físico, com as rápidas alterações corporais, mas também psicológico, onde o jovem adolescente sente uma intensa necessidade de romper com os ideais, modelos de identificação e os interesses que vêm da infância. Finalmente há mudanças a nível familiar e social em que o adolescente sente necessidade de se separar dos pais (mesmo que seja uma separação simbólica) e uma necessidade de procurar novas fontes de satisfação fora do círculo familiar. A terceira fase, da descoberta, comporta todas as dificuldades psicológicas e comportamentais que a ruptura com a infância implica.

Nesta etapa do ciclo de vida adquirem grande importância quer as emoções que o adolescente vivencia, quer as situações e contextos nos quais vai construindo o seu *self* e a sua identidade. Braconnie e Marcelli (2000, p. XXII) afirmam que “o adolescente deve primeiro descobrir quem é.” Segundo estes autores, sendo essa a questão central, se não colocar este tipo de questão na adolescência, corre-se o risco de nunca mais obter resposta. O adolescente deve descobrir aquilo que gosta, resultando de todo o seu passado consciente e inconsciente, e da identidade que ele atribui e em que se reconhece, e dos tipos de relações estabelecidas com pais e pessoas próximas. Assim, há uma oscilação entre o individual e o colectivo, sendo um dos paradoxos desta fase, - é difícil descrever um adolescente sem ter em conta o que o rodeia, especialmente o modo de reacção habitual dos seus pares, mas também é essencial não negligenciar as suas características individuais.

Como foi mencionado anteriormente, Erickson (1963) e Blos (1962, 1979) citados por Adams (1992), reconhecem a adolescência como o principal estágio para a formação da identidade. Consideram a identidade como um sistema de regulação interno, que representa, organiza e integra a estrutura psíquica essencial para o desenvolvimento e distinção entre o *self* interno e o mundo social. Assim, a identidade é vista como um processo evolutivo de diferenciação, integração, de síntese e de crescente complexidade cognitiva.

Erickson (1963) indica como elementos da identidade a escolha de vocação, as ideologias (religião, política, etc...), filosofia de vida, identificação étnica, a capacidade sexual, o significado de género, cultura e nacionalidade e as relações. Erikson vê o desenvolvimento individual ocorrendo dentro de um contexto social onde as

expectativas sociais requerem a selecção de escolhas possíveis. Estas, por sua vez, necessitam de confirmação e aceitação da comunidade. Blos argumenta que o individual precisa de ser suportado pelas interações com os outros.

Adams (1992) refere que existem factores que facilitam ou dificultam a formação de identidade, nomeadamente, o contexto social, as relações familiares, de pertença, étnica ou racial e a religiosidade. Outros exemplos são os factores cognitivos ou barreiras cognitivas associadas a operações formais, assimilação e acomodação, egocentrismo, complexidade cognitiva e continuidade do *self*. Outros ainda referem-se aos factores psicológicos, como perturbações de humor (ex. depressão), narcisismo ou outras disfuncionalidades.

2.2. Identidade étnica

Adams (1992) faz referência à identidade étnica como sendo um dos factores que podem facilitar ou dificultar a formação da identidade no adolescente. Posteriormente outros autores salientaram que, de entre as muitas formas de identidade, a identidade étnica é particularmente saliente na adolescência (Aber, Frech & Seidman, 2006).

Os termos etnia e étnico são usados para distinguir os nacionais de um país (ex. Portugueses) dos grupos de outras nacionalidades instaladas nesse país (ex. Cabo-verdianos, Brasileiros, Angolanos), mas também para designar minorias imigradas que não pertencem à raça causasoíde (ex. negróides), ou que pertencem mas são definidos pelos grupos dominantes através o baixo estatuto sócio-económico (ex. os ciganos), ou o seu estatuto é associado a diferenças linguísticas ou religiosas (Monteiro, 2002). Este conceito é visto por Vala (1999) como uma construção social semântica, proposta pelos grupos dominantes ocidentais que foi institucionalizada e reconhecida pelo senso comum. Essa construção social decorre das variações físicas, ideológicas ou comportamentais das comunidades humanas e surge num processo de assimetria de poder de relações real ou imaginária (ver Monteiro, 2002).

Segundo Rotheram e Phinney (1987), a identidade étnica refere-se ao sentimento de pertencer a um grupo étnico e à parte do pensamento, percepção, sentimentos e comportamentos devido à sua pertença. Posteriormente, Phinney e Rosenthal (1992) referem a auto-identificação como membro de um grupo, sentimentos de pertença e de compromisso com um grupo, atitudes positivas ou negativas perante o grupo, sentimento de partilha de atitudes e valores, tradições e práticas étnicas específicas

como a língua, comportamentos e costumes que englobam por exemplo a linguagem, relações de amizade, religião, preferências alimentares e costumes tradicionais.

Deaux (2006) diferencia os conceitos de identidade étnica, nacional e social. Caracteriza a identidade étnica como as características pessoais ou os costumes partilhados, como a religião, a linguagem e comportamentos que os grupos partilham nas suas relações e o *auto*-consciência. A identidade nacional é a fidelidade a uma nação, endossando os aspectos cívicos da identidade nacional, por exemplo, ser de Portugal ou de Cabo Verde. A identidade social é um conceito mais abrangente e abstracto, e prende-se com os aspectos do auto-conceito baseados na pertença a um grupo, implicando a existência de categorias sociais definidas.

2.3. Teoria da identidade social

Esta teoria aborda a identidade social como uma consequência da pertença ao grupo, apontada por Tajfel (1983), determinada pela parte do auto-conceito do indivíduo que deriva do seu conhecimento de pertença a grupos sociais, juntamente com o significado emocional e com o valor associado àquela pertença. Para este autor, o auto-conceito traduz-se na forma como o indivíduo se vê, se valoriza e se relaciona. Este é composto por aquilo que pensamos que somos, o que pensamos que conseguimos realizar e o que pensamos que os outros pensam de nós, e igualmente de como gostaríamos de ser. Desta forma, a identidade social por si só não define o auto-conceito do indivíduo, mas é importante no aspecto em que há contribuição da pertença a determinados grupos ou categorias sociais.

Tajfel (1983) refere que é possível reformular as questões da auto-definição individual segundo a noção de identidade social, visto o indivíduo esforçar-se por obter um conceito ou imagem satisfatória de si próprio, a partir da relação com os vários grupos sociais que pertence, estas pertenças contribuem (positivamente ou negativamente) para a imagem que tem de si próprio. Assim, existem vários níveis de identidade visto cada pessoa possuir pertenças grupais separadas e a vários níveis. Por exemplo, a família e o trabalho podem considerar-se dois grupos separados e, naturalmente, o nível e a essência da pertença será diferente para uma pessoa nesses dois grupos.

De encontro ao referido no parágrafo anterior, pode-se considerar que existem categorizações a um nível mais macro (logo mais abstractas, por exemplo, o sexo, a

raça, nacionalidade, etc...) e outro nível mais micro e mais próximas do indivíduo, que são os grupos com os quais convivemos e lidamos no dia-a-dia.

2.4. Modelos de aculturação

Outras teorias usadas para abordar as questões da identidade têm-no realizado através dos modelos de aculturação. Bourhis (1997) define imigrantes como os indivíduos que, na sua vida, se instalam noutra país, sendo uma minoria étnica. Nestes modelos, os indivíduos de origem nos próprios países e sociedades acolhedoras constituem a maioria étnica.

O modelo Modelo Unidimensional (Gordon, 1964, cit. in Bourhis, 1997), apresentado nos anos 60, refere um contínuo da cultura imigrante para a maioria étnica situando-se no meio o biculturalismo.

Posteriormente, surgiu o modelo Modelo Bidimensional (Berry, 1980, cit. in Bourhis, 1997; Zagefka & Brown, 2002) que considera quatro dimensões baseadas na resposta positiva ou negativa ao interesse de manter a cultura de origem e ao interesse de manter relações entre os grupos. Assim, delineiam-se 4 quadrantes que resultam da intersecção entre as duas dimensões. Cada quadrante corresponde a uma forma de aculturação. (1) Num quadrante encontra-se a Integração, em o indivíduo mantém a identidade da sua cultura de origem e tem interesse em interagir com os membros da comunidade “anfitriã” e fazer parte desta ao mesmo tempo. (2) A Separação refere-se ao indivíduo que mantém a identidade de origem, não querendo participar ou envolver-se com os membros da comunidade “anfitriã”. (3) A Assimilação, por seu turno, prende-se com os indivíduos que procuram contacto com membros da comunidade “anfitriã” e onde existe uma abolição da identidade cultural de origem. (4) A Marginalização, por fim, caracteriza os indivíduos que rejeitam a sua cultura de origem e não mostram nenhum interesse em estabelecer relações com os membros da comunidade anfitriã. Nesta última dimensão, pode diferenciar-se o individualista (ao dissociarem-se das duas culturas identificam-se como indivíduos, uns com os outros), ou o Anomie (que rejeitam a sua cultura e a anfitriã e envolve uma alienação cultural).

O Modelo Interactivo (Bourhis, 1997; Zagefka & Brown, 2002) baseia-se igualmente em quatro dimensões, mas referindo-se à perspectiva da maioria étnica. (1) Na separação, os membros “anfitriães” distanciam-se dos imigrantes, mas aceitam que estes mantenham a sua identidade cultural. Na assimilação, (2) os membros “anfitriães” esperam que os imigrantes abdicuem da sua identidade cultural para adoptar a cultura

maioritária. (3) Na exclusão e individualismo, os membros “anfitriões”, para além de serem intolerantes à manutenção da cultura dos imigrantes, recusam que estes adotem a cultura “anfitriã”. Por fim (4), na integração, os membros “anfitriões” aceitam que se mantenha a cultura dos imigrantes e aceitam que estes adotem também características da cultura “anfitriã”.

Num estudo de Zagefka e Brown (2002) foram analisadas as preferências de estratégias por parte dos imigrantes e por parte da sociedade alemã. Dois grupos de imigrantes (turcos e “aussiedler”) preencheram questionários, compostos por dados demográficos e estratégias de aculturação preferenciais e percebidas. Neste estudo concluiu-se que a integração era a estratégia preferida pelos alemães e pelos imigrantes, e a atitude positiva para com a manutenção da cultura e para com o contacto foram associados a melhores relações intergrupais.

2.5. *Multiculturalismo-Interculturalismo*

O multiculturalismo promove o valor da diversidade como o princípio principal em que os grupos têm que ser tratados respeitosamente e de forma igual (Fowers & Richardson, 1996; cit. por Verkuyten, 2005). Verkuyten (2005) oferece uma perspectiva positiva da manutenção da cultura dos grupos minoritários, e concorre à necessidade de acomodar a diversidade de uma forma equitativa.

Para Verkuyten (2005), a Teoria da Identidade Social enfatiza que as minorias podem reclamar o direito de serem diferentes e de definirem os seus próprios termos, e não adoptarem termos implícitos ou explícitos ditados pela maioria. Em relação à identificação étnica, os resultados de estudos (Verkuyten, 2005) indicam que o multiculturalismo leva a uma forte identificação com os elementos do próprio grupo (*ingroup*) nos grupos minoritários, verificando-se o oposto nos grupos majoritários, ou seja, nestes grupos conduz a uma fraca identificação com os elementos do próprio grupo. Verificou-se ainda que a assimilação tendia para aumentar a identificação com os elementos do próprio grupo nos grupos majoritários e a baixar nos grupos minoritários. Há a indicação que o multiculturalismo influencia positivamente a avaliação do próprio grupo, feita pelos grupos minoritários, e influencia positivamente a avaliação do outro grupo, feita pelos grupos majoritários.

Rudmin (2003) questiona se a integração será a melhor estratégia pois, segundo o autor, o biculturalismo poderá constituir uma fonte de pior adaptação podendo resultar em conflito psíquico e cultural, pela tentativa de reconciliar diferentes comportamentos

e normas sociais (Redfield et al, 1936 & Child, 1939; cit in Rudmin 2003). Alguns autores citados por Rudmin (2003) consideraram o biculturalismo um factor negativo, associado a uma auto-identidade insegura (Nash e Shaw, 1963), a um acentuado risco para os indivíduos se tornarem marginais (Bochner, 1982), a uma integração instável por causa da desigualdade de poder (Rees, 1970).

Na actualidade, a este nível a literatura apresenta um debate entre duas abordagens ou perspectivas - uma que considera a integração como a estratégia de aculturação mais adequada, enquanto outra a considera como uma estratégia desadequada resultando numa identidade insegura e em conflitos intrapsíquicos. Por exemplo, Monteiro (2002), refere que as crianças que crescem em sociedades multi-étnicas têm de enfrentar a tarefa da construção de uma definição de si próprias que será maior quanto mais necessidade de adaptação e mais ocasiões de contacto existirem. Ainda Bronfenbrenner (1979, cit in Guinote, Monteiro & Mouro, 2002) reconhece que o desenvolvimento infantil pode ser favorecido pela possibilidade de participar em contextos diversificados, mas também não coloca de parte o facto de que a existência de uma descontinuidade (família-escola) muito marcada pode ter efeitos negativos.

2.6. Modelos relacionais

Fiske (1992) desenvolveu a Teoria dos Modelos Relacionais - ver também Gilbert & Fiske, 1998- que “*explains social life as a process of seeking, making, sustaining, repairing, adjusting, judging, construing and sanctioning relationships*” (p. 689) . Resultando da pesquisa em áreas como a Antropologia, a Psicologia Social e a Sociologia (Haslam, 1994), a TMR propõe modelos cognitivos elementares que representam, compreendem, avaliam e constroem as relações sociais (Haslam & Fiske, 1999) e que, estando representados em todas as culturas, geram a maior parte das interacções sociais (Fiske, 1992).

Esta teoria enuncia a existência de quatro modelos relacionais: a comunhão (*communal sharing* - comunhão), a hierarquia (*authority ranking* - hierarquia), a igualdade (*equality matching* - igualdade) e a proporcionalidade (*market pricing* - proporcionalidade). O modelo da comunhão é caracterizado pela não diferenciação das pessoas dentro do grupo, já que os indivíduos se vêem como iguais e como partilhando algo em comum (e.g. sangue) e por essa razão são afectuosos e altruístas para com os outros elementos (Fiske, 1992). As decisões são tomadas de forma unânime (Lickel et al., 2006) pois os elementos do grupo são semelhantes (Haslam & Fiske, 1999). Por seu

lado, no modelo da hierarquia a relação é baseada numa assimetria entre os membros do grupo (Fiske, 1992), sendo que quem tem estatuto superior tanto comanda como protege quem tem estatuto inferior, que por sua vez devem obedecer, ser leais e respeitar quem está na posição superior (Haslam & Fiske, 1999). O modelo da igualdade manifesta-se através da reciprocidade, distribuição igualitária de bens e voto democrático (Haslam & Fiske, 1999), ou seja, a relação é baseada num modelo de equilíbrio, justiça, reciprocidade e compensação (Fiske, 1992). Por fim, o modelo da proporcionalidade organiza a relação em termos de uma escala comum de valor (Haslam & Fiske, 1999), sendo reduzida a um único valor que permite a comparação de factores quantitativos e qualitativos: o rácio. Os indivíduos na relação preocupam-se, assim, com o rácio entre o que dão e recebem, tentando que esse seja positivo (ganhar mais do que perder) (Fiske, 1992). Estes modelos ajudam os indivíduos a organizarem o seu pensamento social (Fiske, 1995), originando a construção de relações sociais complexas através da interacção entre os diferentes modelos implementados de acordo com diversas regras sociais (Fiske, 1992).

Apesar de os modelos estarem presentes em várias culturas (principalmente a comunhão e a hierarquia), existe variedade na forma como são empregues e combinados, sendo implementados com diferentes combinações em tarefas sociais distintas (Haslam & Fiske, 1999). Fiske (1992) considera que existem modos de constituição das relações, universais, de maneira que se considera que a RMT representa universais humanos. Para além disso, os modelos não são tipos ideais de relações, mas sim partes discretas e abstractas das relações sociais e representam formas cognitivas que geram as relações em vez de descrever um mapa cognitivo de relações (Haslam, 1994). Porém, dos modelos apresentados, os modelos da igualdade e da proporcionalidade são os menos estudados, sendo que os outros dois são os que reúnem opiniões mais consensuais na literatura acerca da sua existência. Mead (1934) considerava já que as relações de comunhão e de poder seriam as relações sociais mais básicas (citado por Schubert, Waldzus & Seibt, 2008). Assim, a RMT vê estes dois modelos como fundamentais para estruturar e coordenar as interacções.

Em 2004, Fiske afirma que existem formas distintas de construir cada um dos quatro modelos relacionais, já que as pessoas têm mecanismos específicos para criar as relações. Sendo assim, a forma como cada um constitui uma relação está ligada ao meio no qual tem uma maior facilidade em comunicar e com a forma primária de representação cognitiva dessa relação. Por conseguinte, cada cultura tem formas

particulares de criar relações e o modo natural para criar cada tipo de relação tende a ter uma maior motivação e impacto normativo sobre os outros modos de constituição.

Será o bem-estar influenciado pelo uso de determinado modelo nas interações pessoais e grupais? A este nível encontramos apenas um estudo (Ping, 2002), que examinou o efeito do modelo da comunhão e do modelo da proporcionalidade no bem-estar de duzentas e oito famílias. Neste estudo, verificou-se que quanto maior a utilização do modelo da comunhão, maior é a harmonia e o bem-estar nas famílias.

2.7. Bem-estar, identidade étnica e relações entre grupos

Muitos estudos sobre felicidade têm mostrado que as pessoas envolvidas socialmente se apresentam mais felizes (Gilbert & Fiske, 1998), tendo-se concluído que as relações sociais constituem um incentivo para a felicidade e para a saúde.

O bem-estar é uma ideia complexa que inclui elementos físicos e psicológicos da saúde. No que respeita ao físico, o bem-estar não é apenas a ausência de doenças, mas sim a presença de saúde que corresponderá ao bom funcionamento dos sistemas corporais do indivíduo. Também o bem-estar psicológico não é somente a ausência de psicopatologias, correspondendo sim a atitudes e sentimentos positivos acerca da maior parte dos domínios da vida, independentemente de por vezes poder-se estar doente (Spector, 2003).

Na temática do bem-estar salientam-se dois importantes conceitos - o bem-estar subjectivo e o bem-estar psicológico. Segundo Novo (2003), o bem-estar subjectivo forma um campo de estudo e integra as dimensões de afecto e satisfação com a vida. O bem-estar psicológico, por sua vez, constitui um outro campo de estudo (fundado nos anos 80 por Ryff) que integra os conceitos de auto-aceitação, autonomia, controlo sobre o meio, relações positivas, propósito na vida e desenvolvimento pessoal.

O bem-estar subjectivo (Diener, 1984) refere-se ao modo como se auto-avalia a vida e através de variáveis como a satisfação com a vida, satisfação marital, a ausência de depressão e ansiedade, e a presença de humores positivos. Diener (1984) considera que o bem-estar subjectivo é caracterizado por três aspectos. O primeiro diz respeito à subjectividade. A segunda característica refere-se à inclusão de emoções positivas como alegria e o prazer, e não apenas à ausência de condições negativas. A terceira refere-se à avaliação global de todos os aspectos da vida, focando-se nesta como um todo (Diener & Suh, 1996, cit in Galinha & Ribeiro, 2005).

O conceito de bem-estar subjectivo é composto por uma dimensão cognitiva (onde existe um juízo avaliativo, relacionado com a satisfação com a vida em termos globais ou específicos) e uma dimensão emocional ou afectiva, positiva ou negativa (expressa em termos globais de felicidade ou em termos específicos pelas emoções) (Sagiv & Schwartz, 2000). Ambas as dimensões parecem estar correlacionadas, embora sejam independentes (Diener, Suh, Lucas & Smith, 1999). Assim, pode-se referir que o bem-estar subjectivo estuda os factores e os processos inerentes à variabilidade da felicidade e da satisfação com a vida, avaliadas pelos próprios indivíduos.

O bem-estar psicológico pode ser visto como o funcionamento positivo global do indivíduo (Riff, 1989). Assim, uma pessoa com alto bem-estar é aquela que apresenta altos índices de auto-aceitação (atitudes positivas do indivíduo em relação a si mesmo), relação positiva com os outros (satisfação e confiança na relação com os outros), autonomia (autodeterminação, independência e auto-regulação do comportamento), controlo do ambiente (capacidade do indivíduo para escolher ou criar situações adequadas às condições pessoais), propósito de vida (sentido de direcção que contribui para a percepção de que a vida é significativa) e crescimento pessoal (desenvolvimento do potencial do indivíduo e da sua expansão como pessoa) (Riff, 1989; Riff & Keyes, 1995). Nesta perspectiva, o bem-estar pode ser considerado basicamente como um estado afectivo, em que os afectos positivos prevalecem sobre os negativos.

Reportando-nos ao bem-estar dos adolescentes, num estudo de Bizarro e Silva (1999), foi demonstrada a existência de alterações no bem-estar psicológico durante esse período, evoluindo num sentido decrescente. Os adolescentes mais novos pertencentes ao grupo etário dos 12 aos 13 anos e meio apresentaram valores que apontam para um maior bem-estar, verificando-se uma diminuição acentuada para o grupo etário dos 14 aos 15 anos, seguida de uma nova descida embora menos significativa no grupo dos 16 aos 17 anos e meio. Este estudo permitiu igualmente salientar duas idades, os 15 e os 17 anos e meio onde os valores de bem-estar foram mais baixos devido à sua associação com as tarefas de desenvolvimento inerentes a esta fase, a procura de autonomia e independência, o estabelecimento de relações mais fortes com os pares e as escolhas vocacionais - que parecem colocar maiores dificuldades aos jovens, sendo portanto um período de maior risco.

Simon (2004) examinou as diferenças sistemáticas ao nível do bem-estar em membros de grupos minoritários e membros de grupos majoritários. Este autor abordou o bem-estar num sentido vasto, abarcando uma pluralidade de emoções temporárias ou

estados afectivos, como felicidade, depressão ou insegurança, assim como sentimentos mais estáveis positivos ou negativos sobre nós próprios ou o nosso “sítio” ou identidade no mundo social, por exemplo, o respeito por si mesmo e auto-estima. Este autor afirma que, de um ponto de vista teórico, existem boas razões para assumir que os membros de um grupo minoritário detêm menos satisfação colectiva, assim como menos sentimentos positivos que os membros de um grupo maioritário. Ou seja, o autor defende como consequência os membros do grupo minoritário possuírem sentimentos menos positivos em relação ao seu próprio grupo. As diferenças de bem-estar das minorias e maiorias podem ser acentuadas porque os membros de grupos pequenos estão tipicamente em desvantagem, comparados com os membros de grupos grandes (Festinger, 1954; cit in Simon, 2004). Por exemplo, em 1997, Bettencour, Carlton e Kernahan (cit in Simon, 2004) observaram que os membros da minoria sentem mais tensão que os membros dos grupos maioritários. Simultaneamente num segundo estudo, verificaram que os membros da minoria experimentavam mais ansiedade que os membros da maioria. Contudo, também foi notado por outros investigadores que os membros dos grupos minoritários estão mais satisfeitos com o seu grupo que os membros da maioria. Isto pode dever-se ao facto dos grupos minoritários promoverem suficiente inclusividade dentro do grupo e suficiente diferenciação entre *ingroup* e *outgroup* (Brewer, 1991; Leonardelli & Brewer, 2001; cit in Simon, 2004). Estes autores, em 2001, encontraram níveis mais elevados de satisfação entre membros da minoria que os membros da maioria - contudo, compararam os membros da minoria e os da maioria apenas como membros de grupos experimentalmente induzidos para identificar fortes relações com o *ingroup*. Este autor refere ainda que Sachdev e Bourhis (1991) manipularam o tamanho do grupo, o status e o poder intragrupal, e descobriram que o bem-estar era influenciado pelas três variáveis, onde os grupos da minoria se sentiam menos satisfeitos, menos confortáveis e menos felizes no seu grupo que os membros da maioria.

Estudos que relacionam identidade e auto-estima demonstraram que indivíduos com altos níveis de identidade apresentam igualmente níveis mais elevados de auto-estima comparativamente aos indivíduos que apresentavam níveis baixos de identidade. Por outro lado, alguns estudos não apresentaram relações nesse sentido (Waterman, 1999). Estes autores referem, ainda, que indivíduos com um forte sentido de identidade geralmente apresentam menos problemas emocionais, por exemplo, como ansiedade e depressão.

Por seu lado, a identidade étnica também tem sido alvo de interesse na literatura do bem-estar psicológico, especialmente na auto-estima (e.g., Phinney, 1991), enfatizando a ideia de que a identidade étnica é crucial para o auto-conceito e para o funcionamento psicológico dos indivíduos.

Em 2003, Vala e colaboradores realizaram um estudo no âmbito do Observatório Permanente da Juventude Portuguesa sobre as identidades do ponto de vista de jovens negros em Portugal. No capítulo quatro deste estudo, os autores analisaram as dimensões da identidade (Africano, país de origem, Português, Luso-africano, e dimensão racial) dos jovens negros em Portugal. Examinaram, ainda, a relação da auto-identificação e hetero-identificação com a percepção de bem-estar psicológico. Neste estudo os resultados mostraram, na auto-identificação, que qualquer uma das identificações de identidades se encontrava associada a estados psicológicos positivos mas, a identidade “português” foi a que mostrou uma maior associação à percepção de bem-estar. Na hetero-categorização, os jovens “pretos” apresentavam uma auto-estima pessoal mais baixa que os restantes.

Neste estudo, o autor refere que os jovens definem-se maioritariamente a partir da sua nacionalidade, do seu país de origem ou do país de origem dos seus pais, e não tanto com base em categorias “Africano” ou “Negro”. Contudo, segundo os autores, no futuro as identidades poderão vir a ser estruturadas pela pertença racial, num movimento de valorização colectiva e de distanciamento face à população Portuguesa (Vala e colaboradores, 2003). Estes autores referem a existência de “culturas *black juvenis*”, que concedem aos seus membros um sentimento de pertença social e de exclusividade cultural, e sustentam a existência de estudos em vários países que dão conta dessas novas tribos juvenis entre descendentes de imigrantes. Estas tribos são difundidas e institucionalizadas socialmente (muitas vezes graças ao interesse mediático da negritude enquanto valor notícia).

2.8 Objectivos do Presente Estudo

Este estudo tem como principal objectivo contribuir para a compreensão da influência da identificação étnica no bem-estar e nos comportamentos de adolescentes em Portugal, inseridos num contexto intercultural.

Neste sentido, definiram-se como objectivos específicos:

- Descrever a identidade étnica de jovens adolescentes (do grupo majoritário e de grupos minoritários) através da sua auto-identificação e da sua família, de uma medida de identidade étnica, e através de medidas comportamentais;
- Explorar a relação entre a identidade étnica e o bem-estar psicológico;
- Perceber qual o efeito dos modelos relacionais destes jovens com os seus pares e família sobre a relação entre identidade e bem-estar.

Assim, de acordo com a revisão de literatura, são apresentadas as hipóteses em análise neste estudo:

H1: A relação entre a identidade étnica e o bem-estar psicológico dos jovens depende da posição do seu grupo étnico na sociedade, sendo negativa no caso dos jovens de grupos minoritários e positiva no caso dos jovens de grupos majoritários;

H2: A utilização dos modelos de comunhão e igualdade nas relações dos jovens com os seus amigos e família estão positivamente associados para o sentimento de bem-estar, qualquer que seja o grupo étnico de pertença

Ainda que a literatura sugira que os jovens de grupos majoritários tendem a mostrar mais gosto pela “cultura da maioria”, nós esperamos encontrar resultados que se direcionem em sentido inverso.

3 - Método

3.1 Participantes

Os dados foram recolhidos nos quatro Espaços Jovem do Gabinete da Juventude da Câmara Municipal existentes no Concelho de Sintra. Este concelho é marcado pelas diferenças, diferenças essas que vão desde o concelho possuir uma área urbana e uma rural. A área urbana (com uma densidade populacional 6832 hab/km²) é caracterizada pela fixação de vagas de migrantes (oriundos do interior de Portugal, dos PALOP e da cidade de Lisboa, entre outros), o aparecimento de urbanizações desenvolvidas em altura, os congestionamentos de tráfego e população mais jovem. A área rural possui um número mais reduzido de densidade populacional (apenas 161 hab/km²), e é caracterizada por uma menor acessibilidade face a Lisboa, pelas suas funções agrícolas, balneares e industriais, e uma população mais envelhecida.

Assim, a amostra foi constituída por 70 participantes maioritariamente do sexo masculino (68%), com idades compreendidas entre aos 12 e os 25 anos, sendo a média de idade de 15.7 anos. Destes, 64.3% dos jovens eram do meio Urbano e os restantes (35.7 %) do meio rural.

Em relação às habilitações literárias, a maioria (58.6%) frequentou o 3º ciclo do ensino Básico, 21.4% o 2º ciclo do ensino básico, e 15.7% a o ensino secundário. A grande maioria dos jovens (74.3%) era constituída por estudantes, e os restantes eram trabalhadores (14.3%) e trabalhadores-estudantes (11.4%).

Procurámos constituir uma amostra que incluísse portugueses e estrangeiros, nomeadamente dos PALOP. Na amostra final, 68.6% dos participantes eram portugueses, 11.4% eram angolanos, 8.6% Cabo-verdianos, 5.7% Guineense, 2.9% Brasileiros. Um indivíduo revelou ter ainda nacionalidade dupla (Portuguesa e Cabo-Verdiana) e outro de nacionalidade romena.

Em relação ao local de nascimento, 68.1% nasceu em Portugal e os restantes (31.9%) noutra país (nomeadamente, 10 nasceram em Angola, 4 em Cabo-Verde, 3 na Guiné-Bissau, 2 no Brasil, 1 em França e 1 na Roménia). O resumo da descrição demográfica da amostra encontra-se na Tabela 1.

Tabela 1

Descrição demográfica da Amostra

Idade	<i>Mínimo</i>	<i>Máximo</i>	<i>Média</i>	<i>DP</i>			
	12	25	15.67	2.989			
Sexo	<i>Feminino</i>	<i>Masculino</i>					
<i>n</i>	47	22					
<i>%</i>	68.1	31.9%					
Ano de escolaridade	<i>1º Ciclo</i>	<i>2º Ciclo</i>	<i>3º Ciclo</i>	<i>Secundário</i>	<i>Licenciatura</i>		
<i>n</i>	1	14	41	11	2		
<i>%</i>	1.4%	21,41%	58.6%	15,7%	2,9%		
Situação Profissional	<i>Estudante</i>	<i>Trabalhador</i>	<i>Trabalhador estudante</i>				
<i>n</i>	52	10	8				
<i>%</i>	74.3%	14.3%	11.4				
Nacionalidade	<i>Portuguesa</i>	<i>Angolana</i>	<i>Cabo verdiana</i>	<i>Guineense</i>	<i>Brasileira</i>	<i>Dupla</i>	<i>Romena</i>
<i>n</i>	48	8	6	4	2	1	1
<i>%</i>	68.6%	11.4%	8.6%	5.7%	2.9%	1.4%	1.4%

3.2. Instrumentos

Para analisar as variáveis em estudo foi elaborado um questionário (anexo 1) de questões fechadas, constituído por 4 partes.

Na primeira parte, foram colocados os objectivos do estudo e o consentimento informado (onde era feita referência da confidencialidade dos dados e a solicitação de honestidade das respostas, segundo as indicações éticas internacionais; APA, 2002). Nesta parte, encontrava-se ainda a recolha dos dados demográficos dos adolescentes, nomeadamente, idade, sexo, ano de escolaridade, situação profissional e nacionalidade. A segunda parte era constituída pelas questões referentes às origens e identidades dos jovens; a terceira pela avaliação dos modelos relacionais e a quarta pela medida de bem-estar.

(a) *Origens e identidade étnica*

Foi realizado um levantamento das origens étnicas dos adolescentes e dos seus familiares. Relativamente aos adolescentes, uma questão tinha por objectivo saber se o jovem nasceu ou não em Portugal. As três questões que se seguiam traduziam três dimensões que os jovens poderiam categorizar-se a si mesmo, ao pai e à mãe: a dimensão fenotípica (negro, branco, mulato e mestiço¹); a dimensão continental

¹ Foram diferenciados os termos “mulato” e “mestiço” uma vez que as comunidades Africanas (e.g. Cabo-verdiana e Angolana) fazem essa distinção, considerando-se “mestiço” o descendente directo de um progenitor Negro e um progenitor Branco, e “mulato” qualquer indivíduo com uma mistura de descendências Branca e Negra.

(Europeu, Africano, Afro-Europeu, etc...) e uma dimensão nacional (ex: Português, Cabo-verdiano, Angolano, etc...). No seguimento, foi solicitado que, das suas respostas dadas nas questões anteriores (nas diferentes dimensões), indicasse qual a que melhor o descrevia e melhor descrevia o pai e a mãe.

Para além desta avaliação, pedia-se aos participantes para responder à escala *Multigroup Ethnic Identity Measures* (versão reduzida; MEIM-R) desenvolvida por Phinney e Ong (2007) e traduzida e adaptada por nós, em 2009. Este questionário consiste em seis itens respondidos numa escala de 1 a 5, discordo muito e concordo muito respectivamente. Nesses itens, o adolescente reporta-se ao grupo que melhor o descreve (identificado na secção anterior) e avalia o seu grau de concordância com cada um dos 6 itens.

De acordo Phinney e Ong (2007), este índice de identidade étnica pode ser utilizado no seu todo, e subdividido em duas dimensões: (1) Exploração e (2) Sentimento de Pertença ou Compromisso (*Commitment*). Como exemplo de item da dimensão de Exploração encontramos “eu passei algum tempo a tentar descobrir mais coisas sobre o meu grupo, tais como a sua história, tradições e costumes”. Esta dimensão representa a procura de informação e experiência relevantes para a própria identidade, e envolve actividades como falar com pessoas, aprender práticas culturais e comparecer em eventos culturais. Na dimensão Sentimento de Pertença ou Compromisso, um exemplo de item é “Eu tenho uma forte sensação de pertença ao meu próprio grupo”. Esta dimensão representa o sentimento de pertença, e é considerado o componente mais importante da identidade étnica por alguns autores (Ashmore et al, 2004, cit in Phinney & Ong, 2007) que consideram o compromisso afectivo como o componente chave da identidade com o grupo.

A combinação dos 6 itens, segundo os autores originais, apresenta uma boa consistência interna (alfa de Cronbach de .81), sendo de .80 no do nosso estudo. A análise separada nas duas dimensões apresentou alfas ligeiramente inferiores, mas igualmente bons, nos estudos conduzidos pelos autores originais. A dimensão Exploração (itens 1, 4, 5) apresentou um alfa de .76 e Sentimento de Pertença ou Compromisso (itens 2, 3, 6) um alfa de .78. No nosso estudo foram encontrados para as duas dimensões valores de consistência interna de .77 e de .74, respectivamente. Estes autores referem no seu artigo que a divisão dos dois factores é importante, visto que representam processos distintos e oferecem diferentes contribuições para a estrutura da identidade étnica. Algumas investigações preliminares mostram, por exemplo,

diferentes relações com a auto-estima (Romero & Roberts, 1998, 2003 cit in Phinney & Ong , 2007).

Ainda em relação à identidade étnica, foi desenvolvida uma secção referente à vertente comportamental (práticas culturais), desenvolvida por nós, onde foram colocadas questões relacionadas com (1) a composição do grupo de amigos, (2) as preferências musicais e (3) as línguas faladas (materna e outras).

Em relação à constituição do grupo de amigos (pares), foi respondido numa escala de um (grupo de amigos constituído por Portugueses na totalidade) a cinco (grupo de amigos constituído por Africanos na totalidade).

Na música, numa tentativa de abranger quase todos os géneros musicais que os adolescentes pudessem ouvir, foram apresentados vinte géneros: clássica; funaná; funk; heavy metal; hip-hop; jazz; kizomba; kuduro; música portuguesa; pop; rap; rock; reggaeton; reggae; r&b; samba; tarracha; techno; trance; e house. Em relação a cada um destes géneros musicais, os participantes apresentaram as suas preferências musicais, respondendo numa escala de um (não gosto nada) a cinco (gosto muito).

Por fim, os participantes eram questionados relativamente à sua língua materna, bem como outras línguas faladas.

(b) Modelos relacionais

Na penúltima parte, explorou-se as relações dos jovens com a família, amigos e professores através de uma escala desenvolvida por Haslam (1994) e, aplicada e adaptada por Lickel et al (2006) para a avaliação de grupos. Esta escala apresenta 2 itens que avaliam a percepção dos grupos para cada modelo relacional. Itens que ilustram a comunhão incluem: “ O que é meu é teu, um lema que descreve as relações entre as pessoas”; para a autoridade “ Uma pessoa tenderá a ser líder”; para a igualdade “se uma pessoa fizer alguma coisa por outra, a outra tenderá a fazer o mesmo por ela”; e para o mercado “ As pessoas terão tendência para prestar atenção às recompensas que recebem por participar no grupo, pelo tempo, esforço ou dinheiro que gastam”. Assim, nesta secção era pedido aos adolescentes que pensassem nas relações com os grupos: família; amigos (pares); e professores (que, neste estudo, representam a comunidade mais alargada), e que avaliassem numa escala de um a cinco (discordo muito a concordo muito) a sua relação com os membros destes grupos. Os valores de consistência interna no estudo de Lickel et al (2006) foi de .84 para a comunhão, .77 para igualdade, .27

para o mercado e .78 para a hierarquia. No nosso estudo os valores foram de .71 para os itens da comunhão, .79 para os da igualdade, .74 para o mercado e 74 para a autoridade.

(c) Bem-estar psicológico

Para avaliar o bem-estar psicológico foi usada uma escala de bem-estar, inserida no KIDSCREEN-27 (qualidade de vida em crianças e adolescentes) (KIDSCREEN-2005). Este é um instrumento de versão reduzida que mede a qualidade de vida de crianças e adolescentes dos 8 aos 18 anos, e foi traduzido e adaptado para Portugal por Gaspar e Matos (2008). Esta escala de bem-estar mede as emoções positivas, a satisfação com a vida, assim como os sentimentos de tristeza e solidão. Nesta escala, valores baixos traduzem falta de prazer pela vida, sintomas depressivos, percepção de infelicidade e baixa auto-estima, enquanto valores elevados traduzem percepção de felicidade, optimismo, satisfação com a vida e equilíbrio emocional.

O *KIDSCREEN-27* surge através da versão original, *KIDSCREEN-52* (Ravens-Sieberer et al, 2005) também traduzida e adaptada para Portugal (cit por Gaspar & Matos, 2008). A versão integral, segundo as autoras, é um instrumento genérico de avaliação. Pode ser aplicado em vários domínios, nomeadamente, a psicologia, educação, investigação clínica, saúde pública, é aplicável às crianças e aos seus pais. A versão reduzida surge da selecção de vinte e sete itens da versão original, agrupados em cinco dimensões (bem-estar físico, bem-estar psicológico, autonomia e relação com os pais, suporte social e grupo de pares, e ambiente escolar). Esta versão apresenta um menor risco de perda de informação, apresentando qualidades métricas adequadas, detectando diferenças de género, idade, estatuto sócio-económico, nacionalidade e condição de saúde (Gaspar & Matos, 2008). Estes instrumentos apresentam como vantagem a sua natureza genérica, sendo aplicáveis a diferentes contextos nacionais e culturais, a par da facilidade de aplicação e cotação. Segundo as autoras, este instrumento constitui uma medida adequada e interessante para os treze Países Europeus onde foi desenvolvido e outros, tendo sido adaptado para países do sudoeste asiático, bem como da América do Norte e América Latina.

3.3. Procedimento

Em primeiro lugar, foi efectuado um pedido de autorização aos responsáveis dos espaços jovens da Câmara Municipal de Sintra, aos quais foram apresentados sumariamente os objectivos deste estudo.

O questionário foi desenvolvido e compilado pela equipa, e revisto por um professor de Português do ensino secundário que ajudou a calibrar o questionário para esta faixa etária. De seguida foi efectuado um pré-teste do mesmo, na sua versão completa, sendo aplicado a quatro adolescentes, que não demonstraram dificuldades na compreensão das perguntas e nas suas respostas.

Assim, os questionários foram aplicados durante os meses de Julho e Agosto, nos quatro Espaços Jovem e de Internet de Sintra. Durante a aplicação dos questionários estiveram presentes os técnicos dos respectivos espaços, que em caso de necessidade necessário responderiam às dúvidas colocadas pelos adolescentes. Foi pedido aos jovens que respondessem com sinceridade e foi garantida a confidencialidade da informação, de acordo com os princípios éticos da investigação em psicologia nacionais e internacionais (APA, 2002).

Os questionários foram analisados com o auxílio do programa *Statistical Program for Social Sciences*, versão 17.0 (SPSS).

4 - Resultados

Neste capítulo apresentam-se os resultados considerados relevantes para a compreensão quer da identidade e dos comportamentos dos jovens, quer da relação entre identidade e o bem-estar, e a influência dos modelos relacionais nesta relação. Neste sentido, a informação irá ser apresentada em três fases: (1) estatística descritiva relativa à identificação étnica, aos modelos relacionais, e ao bem-estar; (2) avaliação das diferenças entre grupos; e (3) por fim, exploração das relações entre as variáveis.

4.1. Identificação étnica

4.1.1. Origens

Quando questionados acerca do seu nascimento em Portugal (tabela 2), 68.1% nasceu em Portugal e os restantes (31.9%) noutra país (nomeadamente, 10 nasceram em Angola, 4 em Cabo-verde, 3 na Guiné-Bissau, 2 no Brasil, 1 em França e 1 na Roménia).

No que concerne à própria identidade (tabela 2), na dimensão fenotípica, 50% dos adolescentes descreveram-se como branco; 22 % mulato, 7.11% como mestiço (29.11% agregados mulato\mestiço), e 18.6% como negro, Na dimensão Continental mais de metade (55.9%) considerou-se Europeu, 22.1% Africano e 16.6% Afro-Europeu. Finalmente, na dimensão nacional, também mais de metade (54.3%) considerou-se Português, 17.1% Angolano, 10.1% Cabo-verdiano, 5.8% Guineense, 4.3% Luso-Africano, e 2.9% Moçambicano e nenhum São Tomense.

Quanto à identidade do pai (tabela 2), na dimensão fenotípica 52.6% identificaram-se como branco; 23.2 % negro, 13% mulato, 5.8% como Mestiço (18.8% mulato\mestiço). Na dimensão Continental metade (50.7%) considerou-o Europeu, 32.8% Africano e 10.4% Afro-Europeu. Na dimensão nacional, 54.3% considerou o pai Português, 17.1% Angolano, 11.4% Caboverdiano, 4.3% Guineense, 4.3% Luso-africano, e 2.9% moçambicano e outros 2.9% Afro-Português.

No que toca à mãe, 57.1% descreve-a, na dimensão fenotípica, como branca, 15.7% negra e 22.9% mulata, 1.4% mestiça (24.3% mulata/mestiça). Na dimensão continental, 50% descreve-a como Europeia, 29% Africana, 11.6% Afro-europeia. Na dimensão nacional, 55% é portuguesa, 17.4% Angolana, 11.6% Cabo-verdiana, 5.8% Guineense, 1.4% Moçambicana, 2.9% Afro-Portuguesa, 1.4% Luso-Africana.

Tabela 2: Descrição das identidades do Jovens

Identificação do Jovem	n	%	Identificação do Pai	n	%	Identificação da Mãe	n	%
<i>Características fenotípicas</i>			<i>Características fenotípicas</i>			<i>Características fenotípicas</i>		
Negro	13	18.6	Negro	16	23.2	Negro	11	15.7
Branco	35	50	Branco	37	52.6	Branco	40	57.1
Mulato	16	22	Mulato	9	13	Mulato	16	22.9
Mestiço	5	7.11	Mestiço	4	5.8	Mestiço	1	1.4
Outra	1	1.4	Outra	3	4.3	Outra	2	2.9
<i>Continente</i>			<i>Continente</i>			<i>Continente</i>		
Africano	15	22.1	Africano	22	32.8	Africano	20	29
Europeu	38	55.9	Europeu	34	50.7	Europeu	35	50
Afro-Europeu	12	17.6	Afro-Europeu	7	10.4	Afro-Europeu	8	11.6
Outra	3	4.4	Outra	4	6	Outra	6	8.7
<i>Identidade Nacional</i>			<i>Identidade Nacional</i>			<i>Identidade Nacional</i>		
Cabo-verdiano	7	10.1	Cabo-verdiano	8	11.4	Cabo-verdiano	8	11.6
Guineense	4	5.8	Guineense	3	4.3	Guineense	11	5.8
Angolano	12	17.1	Angolano	12	17.1	Angolano	12	17.4
Moçambicano	2	2.9	Moçambicano	2	2.9	Moçambicano	1	1.4
Português	38	54.3	Português	28	54.3	Português	38	55.1
São-tomense	0	0	São-tomense	0	0	São-tomense	0	0
Luso-africano	3	4.3	Luso-africano	3	4.3	Luso-africano	1	1.4
Afro-português	2	2.9	Afro-português	2	2.9	Afro-português	2	2.9
Outra	2	2.9	Outra	2	2.9	Outra	3	4.3

Quando questionados sobre qual a característica que melhor os descreve (tabela 3), os jovens, na sua maioria, escolhem a dimensão nacional. Assim, 42.2% achou que a característica que melhor o descreve é Português, 8.5% como Angolano, 5.1% Cabo-verdiano, 3.4% Afro-Português. De seguida surgiu a dimensão fenotípica, 13.6% branco, 6.8% negro e 5.1% mulato. Por fim, através da dimensão continental, 6.8% escolheu Africano, 6.8% Europeu e apenas 1.7% Afro-Europeu. Em relação aos pais, na tabela 3 nota-se que os valores seguem a mesma tendência.

Tabela 3: Característica que melhor descreve

Característica que melhor descreve	Jovem		Pai		Mãe	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Português	25	42.2	22	37.3	22	37.9
Branco	8	13.6	5	8.5	7	12.1
Angolano	5	8.5	4	6.8	4	6.9
Africano	4	6.8	5	8.5	6	10.3
Negro	4	6.8	3	5.1	4	6.9
Europeu	4	6.8	5	8.5	3	5.2
Mulato	3	5.1	3	5.1	3	5.2
Caboverdiano	3	5.1	5	8.5	3	5.2
Afro-português	2	3.4	---	---	1	1,7
Afro-europeu	1	1.7	1	1.7	---	---
Guineense	---	---	1	1.7	1	1.7
Moçambicano	---	---	2	3.4	---	---
Luso-africano	---	---	1	1.7	---	---
Outra	---	---	2	3.4	3	5.2
Mestiço	---	---	---	---	1	1.7

4.1.2. *Multigroup Ethnic Identity Measures* (versão reduzida; MEIM)

Foram efectuadas as análises descritivas da escala de medida de identidade étnica, sendo estes apresentados na tabela 4. Para o total da escala, os valores médios situaram-se entre 1.17 e o 5, tendo sido a média de 3.56 (DP=0.77). Na dimensão exploração, os resultados situaram-se entre 1 e 5, com média de 3.37 (DP=0.92), e na dimensão compromisso, situaram-se entre 1.33 e 5 apresentando uma média de 3.78 (DP=0.88).

Tabela 4: Médias e Desvios padrão da escala da identidade étnica

Dimensão	N	Média (DP)	Amplitude
Exploração	67	3.37 (0.92)	1.0-5.0
Compromisso	68	3.78 (0.87)	1.33-5.0
MEIM (total)	66	3.56 (0.77)	1.17-5.0

4.1.3. Dimensão comportamental

Na dimensão comportamental da identidade, verificámos a constituição do grupo de amigos quanto à sua origem (de totalmente Portugueses a totalmente Africanos), os gostos musicais e a língua materna, como foi supramencionado.

Na constituição do grupo de amigos, grande parte dos jovens (40.3%) revelou ter metade dos amigos Portugueses e outra metade Africanos, e outros 40.3% revelou ter a maior parte de amigos Portugueses. Apenas 17.9% revelou ter como maior parte amigos Africanos, e não existiram adolescentes que detivessem só amigos Africanos. Ainda, uma minoria 1.5% respondeu ter amigos totalmente de origem Portuguesa.

No que toca à música, os vinte géneros musicais, mencionados no método, foram agrupados através da análise de componentes principais (Tabela 5). Esta análise exploratória foi efectuada em vários passos. Uma primeira exploração dos factores conduziu à extracção de 7 factores com *eigenvalues* superiores a 1.0. Contudo, por análise de *scree plot* e de interpretabilidade dos *loadings* dos itens nos factores, foram analisadas as soluções a 7, 6, 5, 4, 3 e 2 factores. Desta análise comparativa de modelos, foi escolhida a solução de quatro factores (géneros musicais): (1) ritmos africanos (alfa .83); (2) ritmos afro-americanos (alfa .80); (3) disco (alfa .86); (4) “world” (alfa .61). Foram excluídos o samba, o rap e o funck visto apresentarem comunalidades inferiores a 1.30.

Tabela 5. Análise de Componentes Principais, com rotação varimax, da Escala da música ouvida pelos adolescentes

	Componentes			
	Ritmos Africanos	Afro-Americanas	Disco	World
Kizomba	0.85	0.16	0.06	-0.04
Tarracha	0.85	0.07	0.16	-0.04
Kuduro	0.84	-0.12	-0.17	-0.12
Funana	0.69	0.08	0.29	-0.04
Pop	0.57	0.39	-0.21	0.27
Hip-hop	0.46	0.26	-0.32	0.20
R&b	-0.04	0.86	0.14	-0.06
Reggae	0.06	0.80	0.32	0.01
Reggaeton	0.28	0.64	0.39	-0.02
Jazz	0.16	0.54	-0.08	0.41
Trance	0.06	0.12	0.88	0.14
House	-0.04	0.29	0.80	0.03
Techno	0.05	0.10	0.78	0.25
Heavymetal	-0.00	-0.02	0.23	0.78
Rock	-0.15	-0.15	0.10	0.67
Clássica	0.21	0.32	0.09	0.57
Portuguesa	0.01	0.37	0.00	0.43
Variância Explicada (%)	25.4	16.9	9.9	9.0
Alfa de cronbach	.83	.80	.86	.61

Da análise descritiva dos quatro factores extraídos da análise de componentes principais (tabela 6), sobressaiu o género musical “ritmos africanos” como a música mais ouvida pelos adolescentes. Consideramos pertinente confirmar se esta diferença era estatisticamente significativa pelo que realizámos o teste t que confirmou esta tendência ($t=30.11$, $p<0.05$). Observou-se, ainda, que o género musical menos ouvido foi o “world”.

Tabela 6: Médias e desvios padrão dos estilos musicais

Dimensão	N	Média (DP)	Amplitude
Ritmos Africanos	67	3.57 (0.97)	1.67-5.0
Ritmos Afro-americanos	64	3.16 (1.17)	1.67-5.0
Disco	66	2.97 (1.24)	1.0-5.0
“World”	64	2.61 (0.83)	1-4.80

Por último, foram feitas análises no sentido de verificar qual a língua materna mais falada pelos adolescentes. A grande maioria dos adolescentes (83.8%) indicou deter como língua materna o português, apenas 13.2% crioulo e 3% outra (ex. francês, romeno). As outras línguas faladas pelos adolescentes foram o crioulo (12.9%), notando-se que a maior parte dos jovens também indicou falar inglês (38.6%) e francês (24.3%).

4.2. Modelos Relacionais

Nos modelos relacionais (ver tabela 7) foram analisadas, igualmente, as médias de desvios padrão dos quatro modelos para a família, amigos e professores. Na família, as médias foram: 3.98 para a comunhão; 3.39 para a hierarquia; 3.95 para a igualdade e 3.65 para a proporcionalidade. Nos amigos, os valores encontrados foram: 3.48 para a comunhão; 3.27 para a hierarquia; 3.78 para a igualdade; e 3.97 para a proporcionalidade. Para as relações com os professores, encontramos a média de 2.79 para a comunhão, 2.72 para a hierarquia, 3.07 para a igualdade e 3.00 para a proporcionalidade.

Tabela 7: Médias e Desvios padrão dos modelos relacionais por grupo

Dimensão	Família	Amigos	Professores
Comunhão	3.98 (.93)	3.48 (.90)	2.79 (1.10)
Hierarquia	3.39 (1.11)	3.27 (.92)	2.72 (1.13)
Igualdade	3.95 (1.01)	3.78 (.87)	3.07 (1.07)
Proporcionalidade	3.65 (.98)	3.97 (.85)	3.00 (1.14)

4.3. Bem-estar

Podemos verificar que, na sua maioria, os jovens reportaram um nível elevado de bem-estar psicológico, já que quando questionados sobre o seu bem-estar verificamos que o valor médio se situa em 4.11, numa escala de 1 a 5 (DP=.608). A amplitude destes valores encontrou-se entre 2.43 e 5.00.

4.4. Diferenças entre grupos

Para a análise de diferenças entre grupos, tornou-se importante criar uma divisão que mantivesse uma combinação das características avaliadas, ainda assim mantendo um número reduzido de grupos para simplificar a comparação, e ao mesmo tempo mantendo um tamanho razoável da amostra em cada grupo por forma a possibilidade a análise estatística comparativa.

Realizou-se uma primeira divisão através da conjugação de todas as dimensões da identidade (fenotípica, continente e País). Assim, foram constituídos três grupos: (1) portugueses brancos (n=35); (2) portugueses mulatos e negros (n=16); (3) africanos mulatos e negros (n=18).

Considerando os três grupos, foram efectuadas análises de variância (ANOVAs) de comparação de médias entre grupos independentes para cada uma das variáveis avaliadas. Os resultados das ANOVA's encontram-se na tabela 8.

Tabela 8: Médias das variáveis por grupo e ANOVA's

Factor	Portugueses brancos	Portugueses mulatos/negros	Africanos mulatos/negros	F
MEIM	3.56	3.42	3.73	0.61
Dimensão exploração	3.25	3.40	3.60	0.84
Dimensão compromisso	3.86	3.50	3.85	1.02
Amigos	2.50^a	2.73 ^{ab}	3.22^b	6.03*
Ritmos africanos	3.31	3.93	3.84	3.09
Música afro-americana	2.91^a	4.02^b	2.79^{ac}	7.72*
Música disco	3.00	3.42	2.65	1.62
Música world	2.64	2.47	2.64	0.25
Bem-estar	4.14	4.18	3.92	0.89
Comunhão Famílias	3.71	4.31	4.17	2.85
Comunhão Amigos	3.36	3.70	3.50	0.71
Comunhão Professores	2.91	2.30	3.04	2.06
Igualdade Família	3.70	4.11	4.38	2.47
Igualdade Amigos	3.62	4.04	3.87	1.24
Igualdade Professores	3.08	2.85	3.23	0.42
Hierarquia Família	3.21^a	3.14 ^{ab}	4.07^b	3.60*
Hierarquia Amigos	3.24	3.18	3.50	0.44
Hierarquia Professores	2.97^a	2.07^b	2.89 ^{ab}	3.92*
Proporcionalidade Família	3.56	3.69	3.83	0.34
Proporcionalidade Amigos	3.27	3.58	3.54	0.85
Proporcionalidade Professores	2.97	2.73	3.36	1.05

Nota: * <.05; letra igual significa ausência de diferenças significativas;

Da tabela anterior, salientamos um conjunto de resultados. Em primeiro lugar, podem ser salientadas as diferenças na constituição dos grupos de amigos. Nesta variável, verificou-se que existiram diferenças significativas [$F(2, 64)=6.04, p<.05$], sendo que os jovens que se identificam como Africanos mulatos ou negros reportaram ter, em média, mais amigos Africanos do que os jovens que se identificam como Portugueses brancos.

De igual modo, encontramos diferenças significativas no tipo de música que os jovens apreciam. Contudo, estas diferenças apenas atingiram um nível de significância para a música Afro-americana [$F(2, 60)=6.72, p<.05$]. Neste tipo de música, são os jovens Portugueses mulatos ou negros que revelaram valores mais elevados, e os jovens Portugueses brancos foram os que reportaram valores mais baixos.

Por fim, encontramos diferenças significativas na percepção do modelo da autoridade na relação com a família [$F(2, 58)=3.60, p<.05$] e com os professores [$F(2, 56)=3.92, p<.05$]. No modelo da autoridade, o grupo dos jovens Africanos mulatos ou negros referiram, em média, a relação com a família mais ser baseada neste modelo que os jovens Portugueses brancos. Na relação com os professores, foram os Portugueses brancos que reportaram valores mais elevados que os Portugueses africanos e mulatos.

Salientamos que não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos de jovens no que diz respeito ao seu bem-estar. Consideramos igualmente importante referir que não foram encontradas diferenças ao nível da identidade étnica - quer total, quer nas dimensões de compromisso e exploração.

Foi ainda considerado pertinente fazer uma divisão em grupo apenas considerando a dimensão fenotípica, mais frequentemente utilizada: (1) brancos ($n=35$); (2) negros ($n=13$); e (3) mulatos ($n=21$). Os resultados das ANOVA's considerando esta divisão por grupos encontram-se apresentados na tabela 9.

Tabela 9: Médias das variáveis por grupo fenotípico e ANOVA's

Factor	Branco	Negro	Mulato	F
MEIM	3.55	3.81	3.45	.81
Dimensão exploração	3.26	3.64	3.44	.79
Dimensão compromisso	3.86	4.02	3.46	1.98
Amigos	2.50 ^a	3.42^{ab}	2.76^{ac}	7.65*
Ritmos africanos	3.30^a	4.27^b	3.68	4.68*
Música afro-americana	2.90	3.30	3.43	1.41
Musica disco	3.00	2.76	3.18	0.42
Musica world	2.84	2.64	2.42	0.88
Bem-estar	4.14	3.88	4.15	0.88
Comunhão Famílias	3.71	4.18	4.28	2.81
Comunhão Amigos	3.36	3.72	3.52	0.70
Comunhão Professores	2.92	2.70	2.61	0.47
Igualdade Família	3.69	4.00	4.38	2.69
Igualdade Amigos	3.62	3.86	4.00	1.20
Igualdade Professores	3.08	2.80	3.18	0.40
Autoridade Família	3.21	3.54	3.64	0.95
Autoridade Amigos	3.24	3.20	3.40	0.20
Autoridade Professores	2.96	2.55	2.44	1.57
Proporcionalidade Família	3.56	3.65	3.83	0.38
Proporcionalidade Amigos	3.27	3.59	3.53	0.85
Proporcionalidade Professores	2.96	3.04	3.06	0.04

Nota: * <.05; ** <.01; letra igual significa ausência de diferença significativa

Na constituição de grupo baseada apenas na auto-caracterização fenotípica, destaca-se um menor número de diferenças significativas inter-grupais. Na constituição do grupo de amigos [$F(2, 48)=7.65, p<.05$], os jovens que se identificam como negros declararam que o seu grupo é constituído mais por negros que os que se identificam como mulatos. Na música, apenas os ritmos africanos atingiram o nível de significância [$F(2, 86)=4.68, p<.05$], onde os jovens que se identificaram como negros apreciam mais este género que os jovens que se identificaram como brancos.

4.5. Relação entre identidade étnica, modelos relacionais e bem-estar

Num último grupo de análises, procuramos explorar as relações entre identidade étnica, os modelos relacionais e o bem-estar para esta população de jovens.

No que diz respeito à relação entre a identidade étnica (avaliada pelo *MEIM*) e bem-estar, verificamos a ausência de correlações significativas entre estes dois construtos (ver tabela 10).

Tabela 10: Correlações da escala de identificação étnica *MEIM* e bem-estar

	MEIM	Dimensão exploração	Dimensão compromisso	Bem-estar
MEIM total	-	0.87**	0.85**	0.20
Dimensão exploração		-	0.48**	0.14
Dimensão compromisso			-	0.22
Bem-estar				-

Nota: ** $p < .01$

Como se pode ver pela tabela, apesar de todas as dimensões da escala de identificação étnica se correlacionarem entre si, as correlações com a escala de bem-estar não atingiram níveis de significância estatística ($r_{\text{total}} = .20$, ns; $r_{\text{exploração}} = .14$, ns; $r_{\text{compromisso}} = .022$, ns).

Por outro lado, procuramos associações entre a identidade étnica (avaliada pelo *MEIM*) e os modelos relacionais escolhidos pelos jovens nas suas interações com pares, família e professores. Estas associações encontram-se apresentadas na tabela 11.

Tabela 11: Associação entre identidade étnica e modelos relacionais

	Dimensão exploração	Dimensão compromisso	MEIM
Comunhão Famílias	0.32*	0.29*	0.35**
Comunhão Amigos	0.27*	0.35**	0.35**
Comunhão Professores	0.27*	0.23	0.31*
Igualdade Família	0.25	0.31*	0.36**
Igualdade Amigos	0.22	0.50**	0.44**
Igualdade Professores	0.10	0.35**	0.27*
Hierarquia Família	0.12	-0.08	0.03
Hierarquia Amigos	0.12	-0.11	0.02
Hierarquia Professores	0.01	-0.06	-0.01
Proporcionalidade Família	0.12	-0.06	0.05
Proporcionalidade Amigos	-0.04	-0.15	-0.10
Proporcionalidade Professores	0.26*	0.18	0.28*

Nota: ** $p < .01$; * $p < .05$

As associações entre a identidade étnica e os modelos consideradas relevantes encontram-se no modelo da comunhão com as famílias e identidade total ($r=0.35$; $p<0.01$), com as dimensões compromisso ($r=0.29$; $p<0.05$) e exploração ($r=0.32$; $p<0.05$). São ainda relevantes as associações entre a comunhão com os amigos e a identidade total ($r=0.35$; $p<0.01$), a dimensão compromisso ($r=0.35$; $p<0.01$) e a dimensão exploração ($r=0.27$; $p<0.05$). Na comunhão com os professores apenas houve correlação significativa com a identidade total ($r=0.31$; $p<0.05$) e a dimensão exploração ($r=0.27$; $p<0.05$).

O modelo da igualdade manifestou correlações positivas ao nível das famílias com a identidade total ($r=0.36$; $p<0.01$) e com a dimensão compromisso ($r=0.31$; $p<0.05$). Para os amigos, associou-se com a identidade total ($r=0.44$; $p<0.01$) e com a dimensão compromisso ($r=0.50$; $p<0.05$); nos professores com a identidade total ($r=0.35$; $p<0.01$) e com a dimensão compromisso ($r=0.27$; $p<0.05$). Não se constataram correlações entre o modelo da hierarquia e a identidade, nem com nenhuma das suas dimensões.

No modelo da proporcionalidade encontramos correlações apenas entre os professores e a identidade total ($r=0.28$; $p<0.05$) e a dimensão exploração ($r=0.26$; $p<0.05$).

Por último, foi explorada a relação entre os diversos modelos relacionais e o bem-estar. Contudo, neste âmbito, não se verificaram correlações significativas, muitas delas com valor aproximado a zero. Exceptuaram as correlações entre bem-estar e modelos de igualdade para os amigos ($r=.20$, ns) e para os familiares ($r=.18$, ns). Nestes dois casos, apesar de não ter atingido a significância estatística, as relações pareceram positivas entre bem-estar e relações de igualdade. Em oposição, surgiu a correlação entre bem-estar e hierarquia para os professores ($r=-0.19$, ns). Sendo igualmente não significativa, esta relação pareceu negativa entre bem-estar e relações de autoridade com os professores.

4.6. Correlações por grupo

Sentimos ainda necessidade de explorar as correlações entre os modelos relacionais com a identidade étnica e o bem-estar, mas neste caso com os três grupos étnicos (divisão que engloba a nacionalidade e fenótipo), estando os resultados apresentados nas tabelas que se seguem (12, 13 e 14 para a identidade étnica; e 15 para o bem-estar).

Tabela 12: Correlações com a Identidade étnica para Grupo 1 Portugueses brancos (N=35)

	Dimensão exploração	Dimensão compromisso	MEIM
Comunhão Famílias	0.41*	0.47**	0.54**
Comunhão Amigos	0.18	0.27	0.28
Comunhao Professores	0.42*	0.19	0.39*
Igualdade Família	0.22	0.61**	0.49*
Igualdade Amigos	0.21	0.74**	0.56**
Igualdade Professores	0.15	0.31	0.27
Hierarquia Família	0.30	0.11	0.26
Hierarquia Amigos	0.45*	0.26	0.45*
Hierarquia Professores	0.21	-0.07	0.10
Proporcionalidade Família	0.14	0.06	0.13
Proporcionalidade Amigos	-0.01	-0.11	-0.06
Proporcionalidade Professores	0.41*	0.10	0.33

Nota: ** $p < .01$; * $p < .05$

Como se pode reparar na tabela, no grupo dos portugueses brancos, as correlações revelaram-se positivamente significativas entre o modelo da comunhão nas famílias com as dimensões exploração ($r=0.41$; $p < 0.05$), compromisso ($r=0.47$; $p < 0.01$) e MEIM ($r=0.54$; $p < 0.01$). De igual forma, foi encontrada uma associação entre o modelo comunhão com os professores e a dimensão exploração ($r=0.42$; $p < 0.05$) e para o total ($r=0.39$; $p < 0.05$).

No modelo da igualdade, também foram encontradas correlações positivas na família ($r=0.61$; $p < 0.01$) e amigos ($r=0.74$; $p < 0.01$) com a dimensão compromisso, e no MEIM com a família ($r=0.49$; $p < 0.05$) e amigos ($r=0.56$; $p < 0.01$). Finalmente, ainda neste grupo, no modelo da hierarquia encontramos uma correlação positiva nos amigos com a dimensão exploração ($r=0.45$; $p < 0.05$) e com o MEIM ($r=0.45$; $p < 0.05$) e no modelo da proporcionalidade, entre os professores e a dimensão exploração ($r=0.41$; $p < 0.05$).

Tabela 13: Correlações com a identidade étnica para Grupo 2 Portugueses negros e mulatos (N=16)

	Dimensão exploração	Dimensão compromisso	MEIM
Comunhão Famílias	0.09	0.05	0.04
Comunhão Amigos	0.48	0.46	0.46
Comunhão Professores	0.10	-0.11	0.03
Igualdade Família	0.09	-0.01	0.16
Igualdade Amigos	0.27	0.24	0.37
Igualdade Professores	0.14	0.12	0.19
Hierarquia Família	-0.48	-0.46	-0.48
Hierarquia Amigos	-0.40	-0.49	-0.46
Hierarquia Professores	-0.35	-0.37	-0.35
Proporcionalidade Família	-0.37	-0.41	-0.37
Proporcionalidade Amigos	-0.37	-0.46	-0.40
Proporcionalidade Professores	-0.09	-0.14	-0.07

Nota: ** $p < .01$; * $p < .05$

No grupo dos portugueses negros e mulatos, por sua vez, não se verificaram quaisquer correlações significativas entre a identidade étnica e os modelos relacionais (tabela 13). Apesar disso, notam-se correlações tendencialmente negativas para os modelos relacionais baseados na hierarquia e na proporcionalidade e a identidade étnica dos adolescentes Portugueses negros e mulatos.

Tabela 14: Correlações com a identidade étnica para o Grupo 3 Africanos negros e mulatos (N=18)

	Dimensão exploração	Dimensão compromisso	MEIM
Comunhão Famílias	0.19	0.40	0.38
Comunhão Amigos	0.25	0.59*	0.52
Comunhão Professores	0.15	0.74**	0.59*
Igualdade Família	0.40	0.10	0.28
Igualdade Amigos	0.08	0.45	0.34
Igualdade Professores	-0.13	0.69*	0.41
Hierarquia Família	0.13	-0.09	0.01
Hierarquia Amigos	-0.18	-0.75**	-0.58
Hierarquia Professores	-0.01	0.19	0.12
Proporcionalidade Família	0.58*	0.18	0.44
Proporcionalidade Amigos	0.14	0.21	0.22
Proporcionalidade Professores	0.21	0.62*	0.55*

Nota: ** p<.01; * p<.05

No grupo dos Africanos negros e mulatos, revelaram-se várias correlações positivas: entre o modelo da comunhão amigos ($r=0.59$; $p<0.01$) e professores ($r=0.74$; $p<0.01$) com a dimensão compromisso; entre professores e MEIM ($r=0.59$; $p<0.05$); entre o modelo da igualdade professores e a dimensão compromisso ($r=0.69$; $p<0.05$) e ; entre modelo da proporcionalidade família e a dimensão exploração ($r=0.58$; $p<0.01$); e entre os professores e a dimensão compromisso ($r=0.62$; $p<0.05$) e o MEIM ($r=0.55$; $p<0.01$). Neste grupo, foi ainda, encontrada uma correlação negativa entre o modelo da autoridade com os amigos e a dimensão compromisso ($r= -0.75$; $p<0.01$).

Para cada grupo, foi ainda avaliada a associação entre a variável bem-estar psicológico e os modelos relacionais adoptados pelos jovens.

Tabela 15: Correlações com o bem-estar para cada Grupo

	Bem-estar		
	Grupo 1 N=35	Grupo 2 N=16	Grupo 3 N=18
Comunhão Famílias	0.02	-0.11	0.32
Comunhão Amigos	-0.05	0.16	0.16
Comunhão Professores	-0.06	0.02	0.15
Igualdade Família	0.05	0.48	0.41
Igualdade Amigos	0.06	0.50	0.19
Igualdade Professores	-0.21	0.18	0.97
Hierarquia Família	-0.17	0.00	0.11
Hierarquia Amigos	-0.04	-0.06	-0.12
Hierarquia Professores	-0.29	0.07	-0.18
Proporcionalidade Família	-0.25	0.32	0.49
Proporcionalidade Amigos	-0.33	0.26	0.30
Proporcionalidade Professores	-0.20	0.28	0.20

Nota: ** p<.01; * p<.05

Da análise da tabela 15, sobressai a ausência de correlações significativas para os três grupos. Ainda assim, dada a reduzida amostra em cada grupo (em particular os grupos 2 e 3), reconhece-se que as associações tendem para ser de intensidade e direcção diferentes para os diferentes grupos.

5 – Discussão

Pretendeu-se com este estudo contribuir para a compreensão da influência da identificação étnica e das relações no bem-estar de adolescentes residentes em Portugal - adolescentes Portugueses brancos, adolescentes Portugueses de origem Africana e os adolescentes Africanos - residentes não só em contextos marcados pela diversidade étnica (i.e. urbanos), mas também em contextos com uma diversidade étnica inferior (i.e. rurais).

Foi solicitado aos adolescentes que se identificassem relativamente às suas características fenotípicas (e.g. branco, negro), nacionais (e.g. Portugal, Angola) e continentais (e.g. Europeu, Africano). Posteriormente foi solicitado que, destas três, escolhessem com qual se identificavam mais e verificou-se que a maioria escolheu a identificação nacional. Através destas auto-categorizações, os adolescentes foram distribuídos por três grupos - Portugueses brancos; Portugueses mulatos e negros; e Africanos mulatos e negros - que serviram de base para as análises estatísticas.

Os resultados encontrados revelaram a ausência de diferenças significativas entre os grupos ao nível do bem-estar e da dimensão exploração e da dimensão compromisso da identidade étnica. Ainda, ao nível do bem-estar, verificou-se ausência de correlações significativas com a escala de identidade étnica (MEIM). Em suma, observou-se um elevado nível de bem-estar psicológico nos adolescentes independentemente do seu grupo étnico, apesar do grupo dos Portugueses mulatos e negros apresentarem uma média um pouco inferior aos outros dois grupos. Estes resultados, não confirmavam a nossa primeira hipótese, mas vão ao encontro do estudo de Vala et al (2003) onde qualquer uma das identificações (Africano, país de origem, Português, Luso-africano e grupo racial) esteve associada com a percepção de bem-estar psicológico positivo. Este resultado, contudo, contrasta com a ideia de outros autores, que enfatizam que a identidade étnica é crucial para o auto-conceito e funcionamento psicológico dos indivíduos, e que os grupos minoritários possuem sentimentos menos positivos em relação ao seu próprio grupo (Phinney, 1991; Simon, 2004).

No que toca aos aspectos comportamentais da identidade, os resultados mostraram uma preferência pelos ritmos africanos verificada no total da amostra, contrariando a ideia que os grupos majoritários tendem a mostrar mais gosto “pela cultura da maioria”. Contudo, quando analisados por grupo, apesar deste género musical - ritmos africanos - ser igualmente o mais ouvido pelos Portugueses brancos, existiu uma diferença

significativa ao nível da preferência dos ritmos Afro-americanos por parte dos Portugueses negros e mulatos, que a apreciam mais que os restantes grupos. Verificou-se ainda uma diferença significativa ao nível dos amigos, na qual os jovens que se identificaram como Africanos negros e mulatos reportaram ter, em média, mais amigos Africanos que os Portugueses brancos.

Estes resultados mostram um vazio existente nos modelos de aculturação ao não considerar o facto de as maiorias poderem adoptar costumes das minorias. O modelo bidimensional (Berry, 1980, cit in Bourhis, 1997) considera quatro dimensões – integração, assimilação, marginalização e separação – que se foca exclusivamente sobre o interesse da minoria de manter (ou não) a cultura de origem e o interesse (ou não) de manter relações com o grupo maioritário. Por seu lado, o modelo interactivo (Bourhis, 1997) baseia-se, igualmente, nas quatro dimensões - assimilação, integração, separação e exclusão - na perspectiva do que a maioria espera das minorias, i.e., que estas últimas mantenham, ou não, os seus próprios costumes ou adoptem os costumes nacionais. Em qualquer dos modelos está ausente a perspectiva de mudança da própria maioria e da sua escolha (ou não) por adoptar comportamentos ou costumes do grupo minoritário. Todavia, no que toca aos hábitos musicais dos adolescentes desta amostra, todos os grupos adoptam a música de ritmo africano como a mais ouvida.

Realizou-se uma comparação entre os grupos étnicos constituídos apenas a partir das características fenotípicas e o número de diferenças inter-grupais diminui significativamente. A análise comparativa relativa às diferenças entre grupos consoante a divisão dos grupos em análise salienta a importância de escolher critérios adequados e que não se limitem exclusivamente às características fenotípicas.

Quando correlacionamos os modelos relacionais com a identidade étnica, encontramos correlações positivas com a comunhão na família e amigos. Nesta relação, foi mais significativa a relação entre a comunhão na família com a identidade total, e com os amigos na identidade total e na dimensão compromisso. Ainda encontramos correlações positivas no modelo da igualdade em todas as relações, mas apenas com a dimensão compromisso e total, sendo menos significativas na igualdade com a família e na igualdade com os professores. Não se verificaram correlações entre identidade e o modelo da hierarquia, mas existe um sentido negativo para a dimensão compromisso, na família, amigos e professores, e para a identidade total apenas nos professores. Por último, verificamos uma correlação positiva entre o modelo da proporcionalidade com os professores e a dimensão exploração e o total do MEIM.

Ao analisarmos as correlações entre os modelos relacionais e a identidade étnica por grupos, as correlações alteraram-se. Nos jovens Portugueses brancos, encontramos correlações positivas entre modelos relacionais de comunhão e de igualdade com a identidade. Apenas o modelo de proporcionalidade com os professores se associou com a dimensão exploração da identidade. Por seu lado, no grupo dos Portugueses negros e mulatos, não se verificou qualquer correlação significativa a este nível. Finalmente, no grupo dos Africanos negros e mulatos encontramos correlações positivas entre identidade e: comunhão com amigos e com professores; igualdade com os professores; proporcionalidade na família e com os professores. Encontramos ainda uma correlação negativa da identidade com a hierarquia nas famílias.

As diferenças encontradas nos grupos (Português branco, Português negro e mulato, e Africano negro e mulato) mostram ainda que estes modelos estão presentes em várias culturas e que são empregues e combinados de diversas formas, sendo implementados com diferentes combinações em tarefas sociais distintas (Haslam & Fiske, 1999).

Nos modelos relacionais, os nossos resultados, ao nível do bem-estar, é suportado pelo estudo de Ping (2002) que refere que quanto maior é a comunhão nas famílias maior é o bem-estar. Neste âmbito, as relações pareceram positivas entre bem-estar e relações de igualdade e negativa entre o bem-estar e relações de autoridade com os professores. Assim, a nossa segunda hipótese foi confirmada parcialmente ao notar-se apenas correlações positivas entre o bem-estar e o modelo da igualdade.

O facto de não se encontrar diferenças inter-grupais no bem-estar, nem na correlação entre a identidade e o bem-estar, poder-se-á dever à dimensão reduzida da amostra, bem como ao contexto informal (i.e. espaços jovem) em que os questionários foram aplicados, ao contrário de um contexto escolar onde os jovens estão mais expostos a pressões de várias fontes (professores, amigos e familiares). Aliado a estes dois factores estava o facto dos jovens se encontrarem em início de férias de verão, o que poderá ter influenciado positivamente os níveis de bem-estar. Note-se ainda que a amostra é de conveniência e não aleatória. Uma outra limitação está relacionada com o instrumento usado, por constituir uma medida de auto-relato, que poderá ser influenciada por uma certa desejabilidade social.

Deste estudo, salienta-se a ausência de relações significativas entre identidade étnica e bem-estar no global da amostra. Salienta-se ainda, em relação à identidade étnica, a ausência de diferenças significativas (nos grupos Português branco, Português negro e mulato, e Africano negro e mulato) num mais largo conjunto de variáveis que pode

sugerir uma aquisição de comportamentos atribuídos aos Africanos (e.g. preferência pela música Africana) por parte dos portugueses brancos. Poder-se-á levantar a questão de, actualmente, existirem processos bilaterais de “aculturação” em contextos multiculturais, incluindo por parte dos adolescentes da maioria branca.

Em relação aos modelos relacionais, sobressai a relação positiva entre os modelos da comunhão e da igualdade com a identidade étnica e/ou com as suas dimensões. Quando divididos pelos grupos, nota-se que as correlações variam de grupo para grupo, apresentando-se inexistentes para o grupo dos Portugueses negros e mulatos. Estes resultados apontam para a possibilidade de variabilidade do uso dos modelos relacionais dependendo do grupo étnico (cultural). Apontam ainda para a existência de relações mais estáveis entre modelos relacionais e identidade para Portugueses brancos e para Africanos negros e mulatos, colocando o grupo de Portugueses negros e mulatos em destaque. Este resultado reforça o interesse e a complexidade subjacente à integração e à comunidade bicultural.

Será interessante, em estudos subsequentes, replicar este estudo no contexto escolar, onde poderá haver a possibilidade de obter uma amostra maior. Será igualmente interessante recolher os dados em escolas de maioria Africana e maioria Portuguesa branca, de modo a poder comparar os resultados nesses dois contextos. Em relação às medidas comportamentais, sugere-se que se continue a procurar ter em conta outras medidas, como por exemplo a gíria utilizada, preferência por estilos de roupas e/ou penteados. Sem dúvida, a identidade étnica é um construto complexo e a sua avaliação multidimensional trará uma maior riqueza a esta área de estudos, indo para além das características fenotípicas.

Em suma, este estudo permitiu explorar o tema da identidade étnica, dos modelos relacionais e do bem-estar em jovens adolescentes, através de uma perspectiva ainda pouco desenvolvida na literatura, o qual não tem apenas como objecto de estudo as minorias étnicas, mas também as maiorias. Estas últimas, independentemente do seu carácter maioritário e dos seus recursos (e.g. económico-sociais), também são influenciadas pelas minorias através da convivência inter-grupal em contextos interculturais.

6 – Referências

- Aber, S., French, S., & Seidman, E. (2006). The development of ethnic identity during adolescence. *Developmental Psychology*, 42 (1), 1-10.
- Adams, G., Gullota, T., & Montemayor R. (1992). *Adolescent Identity Formation*. London: Sage Publications.
- Amâncio, L. (2000). Identidade social e relações intergrupais. J. Vala, & M. B. Monteiro (Eds). *Psicologia Social* (4ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- APA (2002). Ethical principles of psychologists and code of conduct. *American Psychologist*, 57, 1060-1073.
- Aventura Social. Retirado em 20 de Março de 2009de <http://www.aventurasocial.com/main.php>
- Bizarro, R. (2006). *Como Abordar a Escola e a Diversidade Cultural*. Lisboa: Areal Editores.
- Bizarro, L. & Lopes da Silva (1999). *Estudo do Bem-Estar psicológico durante a adolescência*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade de Lisboa.
- Bourhis, R.Y., Moïse, L.C., Perreault, S., & Senécal, S. (1997). Towards an interactive acculturation model: A social psychology approach. *Internacional Journal of Psychology*, 32 (2), 369-386.
- Braconnier, A., & Marcelli, D. (2000). *As Mil Faces da Adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- Deaux, K. (2006). *To be an immigrant*. New York: Russell Sage Foundation
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95, 542-575.
- Emler, N. (1990). A social psychology of reputation. *European Review of Social Psychology*, 1, 171-193.
- Emler, N., & Reicher, S. (1995). *Adolescence and Delinquency*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Ferreira, N., & Nelas, P. (2006). Adolescências... Adolescentes.... *Revista de Instituto Superior Politécnico de Viseu, Educação, Ciência e Tecnologia*, 32, 141-162.
- Fiske, A. P. (1992). The four elementary forms of sociality: Framework for a unified theory of social relations. *Psychological Review*, 99 (4), 689-723.

- Fiske, A. P. (1995). Social schemata for remembering people: Relationships and person attributes in free recall of acquaintances. *Journal of Quantitative Anthropology*, 5, 305-324.
- Galinha, I., & Pais Ribeiro, J. L. (2005). História e evolução do conceito de bem-estar subjetivo. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 6 (2), 203-214.
- Gilbert, D. T., Fiske, S. T., & Lindzey, G. (1998). *The Handbook of Social Psychology*, (4 th Ed) (Vol II). New York: McGraw-Hill.
- Guinote, A., Monteiro, M. B., & Mouro, C. (2002). Estatuto, identidade étnica e percepção de variabilidade nas crianças. *Psicologia*, XVI, 387-408.
- Haslam, N., & Fiske, A. P. (1999). Relational models theory: A confirmatory factor analysis. *Personal Relationships*, 6, 241-250.
- Lickel, B., Rutchick, A., Hamilton, D. L., & Sherman, S. J. (2006). Intuitive theories of group types and relational principles. *Journal of Experimental Social Psychology*, 42, 28-39
- Monteiro, M. (2002). A construção da exclusão social nas relações interétnicas. *Psicologia*, XVI, 271-288.
- Novo, R. (2003). Para além da Eudaimonia - O bem-estar psicológico em mulheres na idade adulta avançada. *Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian e fundação para a ciência e a Tecnologia
- Phinney, J. S. (1991). Ethnic identity and selfesteem: A review and integration. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 13, 193-208.
- Phinney, J. S. (1992). The Multigroup Ethnic Identity Measure: A new scale for use with adolescents and young adults from diverse groups. *Journal of Adolescent Research*, 7, 156-176.
- Phinney, J. S., & Ong, A. D. (2007). Conceptualization and measurement of ethnic identity: Current status and future directions. *Journal of Counseling Psychology*, 54, 271-281.
- Phinney, J. S., & Rosenthal, D. A. (1992). Ethnic identity in adolescence: Process, context, and outcome. In G. Adams, T. Gullotta, & R. Montemayor (Eds.), *Adolescent Identityformation* (pp. 145-172). Newbury Park, CA: Sage.
- Ping, H. (2002). The Differential Effect of Communal Sharing and Equality Matching Norm on Family Interaction and Well-being. Retirado em 01 de Julho de 2009 de http://etd.npue.edu.tw/ETD-db/ETD-search/view_etd?URN=etd-0501107-162446-457

- Riff, C. D. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, *57*, 1069-1081.
- Riff, C. D., & Keyes, C. L. M. (1995). The structure of psychological well-being revisited. *Journal of Personality and Social Psychology*, *69*, 719-727.
- Rudmin, F. W. (2003). Critical history of the acculturation psychology of assimilation, separation, integration, and marginalization. *Review of General Psychology*, *7*, 3-37.
- Sagiv, L., & Schwartz, S. H. (2000). Value priorities and subjective well-being: Direct relations and congruity effects. *European Journal of Social Psychology*, *30*, 177-198.
- Sampaio, D. (1993). *Vozes e Ruídos: Diálogos com Adolescentes*. Lisboa, Editorial Caminho.
- Schubert, T., Waldzus, S., & Seibt, B. (2008). The embodiment of power and communalism in space and bodily contact. In G. R. Semin, & E. R. Smith (Eds.). *Embodied Grounding: Social, Cognitive, Affective, and Neuroscientific Approaches* (pp. 160–183). New York: Cambridge University Press.
- Simon, B. (2004). *Identity in Modern Society: A Social Psychological Perspective*. British: Blackwell Publishing.
- Spector, P. E. (2003). Individual differences in health and well-being in organizations. In D. A. Hofmann, & L. E. Tetrick (Eds.). *Health and Safety in Organizations: A Multilevel Perspective* (pp. 29-55). San Francisco: Jossey-Bass
- Tajfel, H. (1982-1983). *Grupos Humanos e Categorias Sociais* (Vols. 1-2) (L. Amâncio, Trad.). Lisboa: Livros Horizonte. (Obra original publicada em 1981).
- Vala, J. (1999). Introdução. In J. Vala, R. Brito, & D. Lopes (Orgs.). *Expressões dos Racismos em Portugal* (pp. 9-29). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Verkuyten, M. (2005). Ethnic group identification and group evaluation among minority and majority groups: Testing the multiculturalism hypothesis. *Journal of Personality and Social Psychology*, *1*, 121-138.
- Zagefka, H., & Brown, R. (2002). The relationship between acculturation strategies, relative fit and intergroup relations: Immigrant-majority relations in Germany. *European Journal of Social Psychology*, *32*, 171-188.

7 - Anexos